



Campus

Foto: Adonal Rocha

A jornalista Marlene Anna Galeazzi tem viajado por todo o interior do Brasil e, principalmente, pela região Centro-Oeste, realizando pesquisas, documentando costumes e escrevendo sobre pessoas. Um dos seus trabalhos mais recentes foi feito com prostitutas que encontrou em Santa Terezinha de Goiás, onde está o maior garimpo de esmeraldas do mundo. Na página 11, um relato sobre o trabalho de Marlene e sobre a vida das prostitutas naquele garimpo.

Prostituição no garimpo

SUCESÃO

A sucessão do presidente José Sarney começa a ser definida com as próximas eleições de 15 de novembro. Nesta edição, os analistas políticos Carlos Chagas, de O Estado de S. Paulo, e José Carlos Bardawil, da revista Senhor, falam sobre as lideranças atuais e as novas lideranças que irão surgir. Eles falam também sobre os nomes daqueles que serão fortes candidatos a ocuparem a vaga de Sarney, como Ulysses Guimarães, Marco Maciel, Leonel Brizola e, até, José Richa. Páginas 8 e 9.

César Mendez



Jânio fez o pombal...

Página 7

Levaram o meu

MARCELO FEIJÓ

Recentemente o **Correio Braziliense** publicou matéria afirmando que cada estudante da UnB custaria ao Estado 44 mil cruzados por ano. Ora, não sei quem deu esta informação ao repórter, gostaria de saber, mas a verdade é que não se pode querer avaliar o custo de um estudante simplesmente dividindo o orçamento da Universidade pelo número de alunos. Isso é um absurdo. Não estamos numa indústria ou num banco. Afirmar que cada estudante custa determinada quantia é reduzi-lo a uma mera engrenagem que deverá produzir no mercado de trabalho. A Universidade, todos sabemos, não é voltada exclusivamente para seus estudantes. Ela tem compromissos com todo corpo social. Na UnB, aliás, infelizmente, o compromisso da Universidade com o estudante tem sido muitas vezes esquecido. Por exemplo, muitos professores praticamente não dão aulas, há uma falta crônica de equipamentos, para não falar naqueles que existem mas ficam parados, inatingíveis aos estudantes. Ainda assim a Universidade paga salários aos professores que não cumprem suas obrigações e dispõe verbas com equipamentos encostados. Quer dizer, por esta e por outras, o capital que a Universidade emprega muitas vezes fica no meio do caminho entre professor-funcionário-aluno.

Olha, só para finalizar, se cada estudante está custando mesmo esta quantia, não é por nada não, mas levaram a minha parte.

Por mais espaço

ANA HELENA

Os artistas de Taguatinga se mobilizam junto a sua entidade, a Associação de Artes e Cultura de Taguatinga — AACT, para conquistar mais espaço na cidade. Segundo eles, até hoje a Fundação Cultural do Distrito Federal nunca teve preocupação com as satélites, de um modo geral. Nesse sentido, carecem de espaços e oportunidades artísticas da comunidade. A proposta da entidade, que existe há cinco anos, é despertar Taguatinga e conscientizar a população para reivindicar mais espaços. Atualmente, o único espaço existente é o Teatro da Praça, dividido com a FEDF. A AACT realiza duas atividades anualmente. A primeira, realizada no início do ano, é a Semana de Artes. A segunda é a Feira de Artes e Cultura de Taguatinga — FACULTA, no final do ano. Nesse semestre, a Feira acontecerá dia 23 de novembro, na entrada de Taguatinga, e as inscrições estão abertas aos artistas da cidade até 31 de novembro. Para fins de 1986, a AACT prepara um seminário: "Qual é da cultura?", a ser realizado em cada satélite para questionar o movimento artístico local a propor alternativas. Marconi Scarinci, presidente da AACT, pretende aumentar o número de eventos promovidos pela entidade, e, conseqüentemente, dar maiores recursos aos artistas em geral. (Ana Helena Rossi)

Salve-se quem puder

REINALDO FREITAS

A burocratização do Estado brasileiro é uma herança nefasta e abominável, deixada por nossos colonizadores. Apesar da independência política, sofremos, até hoje, os males de uma sociedade burocratizada e centralizada que, ainda, não conseguimos resolver. Tentativas vieram com a criação de um ministério específico. Na época do Ministério da Desburocratização, o sr. Hélio Beltrão tentou dar mais agilidade ao Estado, suprimindo dos serviços públicos. Conseguiu, apesar da rejeição e resistência de muitos, extinguir alguns documentos inúteis e dispensáveis, facilitando um pouco a vida de milhões de brasileiros.

Mas, como toda e qualquer idéia que se aplica para melhorar a vida da população, esse trabalho, também, foi estancado. Mudou o ministro e o governo; e o trabalho sofreu um arrefecimento bem ao gosto dos burocratas renitentes. Dessa forma acabaram-se as campanhas; as portarias e as medidas que tornaram um pouco melhor a vida de quem precisava de atestados, procurações, registros, licenças, certidões, declarações etc. Com a transformação do Ministério da Desburocratização em uma secretaria, voltamos a viver, novamente, uma verdadeira via-crucis nos órgãos públicos.

Parece até que as medidas adotadas foram sumariamente extintas com o fim do ministério, ou o desrepeito às medidas se tornaram normas do serviço público?

Para certificar-se da "nova burocratização" basta tentar pagar o IPVA — Imposto de Propriedade de Veículos Automotores — no DETRAN-DF. Depois da criação desse novo imposto, em substituição à TRU, os proprietários de veículos em Brasília estão fazendo verdadeiros malabarismos para cumprir com seus deveres. Destinado, inicialmente, a facilitar o seu pagamento e a sua tramitação, o novo imposto começou a ser entregue pelo Correio aos donos dos veículos. Isso funcionaria se

a estrutura dos Correios fosse perfeita. Mas, como não é, os erros começam por aí e terminam invariavelmente, numa clínica de repouso, para os cidadãos menos fleumáticos.

No último dia 8 de outubro, os proprietários de veículos com placas finais de números 8, 9 e 0, enfrentavam várias filas para conseguirem receber documentos e pagar a taxa no Banco de Brasília, o único autorizado a recebê-la (?).

No DETRAN-DF, o procedimento era o seguinte, nesse dia: primeiro você entrava numa fila para verificar multas, depois de posse de uma flichinha assinada por um funcionário (parece que para ser funcionário daquele departamento é necessário possuir os seguintes requisitos: alto grau de irritabilidade, impaciência acentuada, facilidade para gritar, disposição para dizer não, inépcia crescente e obtusidade caracterizada) entrava em outra fila para pegar o IPVA. Acontece que nessa fila incomensurável quase sempre — você corria o risco do funcionário dizer que "o Correio não devolveu o seu documento", portanto tinha que entrar em outra fila para requerer a segunda via, pois ninguém informava onde tinha ido parar a sua taxa. Nessa outra fila — a terceira — um funcionário informava que como os pedidos eram muitos, o documento só ficaria pronto horas depois, mais precisamente às 16 horas e você teria que pagá-la no banco até às 16:30 horas. No banco (aquele que monopoliza os recebimentos), as filas eram enormes e caóticas. Resultado: muitos saíam sem pagar a segunda via, e pagar naquele dia. Se você quisesse pagar no outro dia, podia, só que a multa era de 50%. Esse "pequeno" e "insignificante" acréscimo foi fixado por uma portaria do Ministério da Fazenda, segundo os funcionários do DETRAN. Fixar e congelar multas, taxas e juros a esses níveis não coaduna, com a política adotada por aquele ministério.

Grito abafado

O problema das invasões no DF vem tomando proporções que certamente não agradam ao Governo. Uma vez que estamos em véspera de eleições, esse assunto seria algo constrangedor para velhos e novos candidatos. Tanto é que nenhum meio de comunicação deu cobertura aos incidentes envolvendo moradores da Vila Paranoá, Polícia Militar e fiscais da Terracap.

Abrindo caminho com um trator, os policiais tiveram acesso ao interior da Vila, afastando energicamente alguns moradores que preferiram resistir ao prazo dado pelo Governo de 24 horas para se retirarem do local. Esses moradores iniciaram um protesto pondo-se diante dos policiais e fiscais na tentativa de impedir a continuação do despejo. Nada foi divulgado oficialmente, porém sabe-se que pelo menos duas crianças morreram e algumas saíram feridas quando o pelotão da polícia resolveu reagir.

Através de uma manobra política, o Governo do Distrito Federal impediu a opinião pública de tomar parte na solução desses problemas, dando mostras de que muitas das lições deixadas pela Velha República ainda podem ser aproveitadas. JOAO CARLOS FONTOURA

Projeto elitista

O Governo Federal não enviou projeto de reformulação do ensino público superior, elaborado pelo GERES — Grupo Executivo para Reformulação da Educação Superior — para aprovação pelo Congresso Nacional, como ameaçara. A mobilização de todos os segmentos da comunidade universitária foi muito grande e rápida, expressando o descontentamento em relação à iniciativa do Governo. As entidades representativas da comunidade UNE, ANDRES e FASUBRA, estiveram unidas prontas para deflagrar uma greve de âmbito nacional, em protesto contra o projeto de lei do Governo. De fato, não se discutiu se existia um ou outro artigo que valesse a pena levar em conta. O principal é verificar que a filosofia que permeia o projeto significa acentuar a elitização existente no ensino público de 3º grau, dando seqüência aos acordos MEC-USAID, assinados em 1968, quando da reforma universitária, pelos governos brasileiro e americano, que acabaram com o ensino brasileiro e a escola pública de 2º grau. Mais uma vez, a UnB se posicionou clara e fortemente em prol da escola pública e gratuita para todos, em todos os níveis. (Ana Helena Rossi)

A morte da Expoarte

CECI ALMEIDA

Pela terceira vez consecutiva, a EXPOARTE não será realizada. E cada vez menor o interesse dos alunos por este evento que reunia os trabalhos artísticos de todos os departamentos da UnB, bem como de outras universidades brasileiras, e representava um espaço cultural valioso dentro da universidade.

Na verdade, estava tudo pronto para que a EXPOARTE voltasse a acontecer. A parte burocrática estava toda organizada. Cartas foram enviadas a todos os CAs e aos departamentos de diversas universidades brasileiras, em busca de um apoio para a realização do evento. Até mesmo o concurso de cartazes, lançado em julho deste ano pelo Departamento de Arquitetura, foi prorrogado. No entanto, nenhum trabalho foi apresentado e não houve nenhuma mobilização por parte dos alunos para que a exposição se concretizasse.

Para Raniere Teixeira, aluno de Arquitetura e um dos organizadores da exposição, "os calouros não têm mais mobilização, pois os alunos, hoje, são muito mais individualistas". Mara Teixeira, aluna de arquitetura, arrisca outro palpite para o fracasso da EXPOARTE este ano. Para ela "as pessoas não sabem mais o que é a EXPOARTE. A última foi realizada em 1983, portanto a maioria dos alunos não viu e não sabe o que ela representa".

Uma divulgação maior sobre este evento e a mobilização dos alunos é mais do que importante, neste momento, para que a EXPOARTE não venha a se tornar apenas mais uma parte da história da UnB.

Falha nossa

No último número do jornal IDEIAS, que abordou o tema "ELEIÇÕES", saiu uma incorreção na matéria com o candidato a senador Carlos Alberto Torres, que concorre pelo Partido Comunista Brasileiro — PCB — e não pelo PSB.

Campus

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.

Professores Responsáveis: — Hélio Doyle, José Salomão Amorim, Murilo César Ramos, Maria Rita Leal (arte), Luiz Humberto Martins Pereira (fotografia). Editor Chefe: Ana Teresa Serpa. Editores: Ida Pietricovsky de Oliveira, Greice Angelotti Neves, Marcelo Feijó, Margareth Marmori, Cláudia Rangel Gonçalves, Cláudio Tourinho, Guilherme Evelin, Júnia Cláudia Gondim, Mário César Lopes da Rosa, Paulo Alberto Fortes,

Lilian Fonseca, Margarete Vitória, Sandra Sato, Reinaldo de Freitas, Ana Teresa Serpa, João Anderson Alves de Jesus, Jorge Luiz Maya, Cláudia Moema. Repórteres: Jane Maria Andrade de Araújo, Ruth Maria Frota, Roselle de Castro, Ceci Anett de Almeida, Jorge Lage, Benedito Augusto Rodrigues, Raquel Flores, Susana Madeira Dobal, Ana Helena Rossi, Cláudia Prado, Regina Elizabeth de Araújo, Telma Regina Pavarino, Adriana Soares de Vasconcelos, José Floriano Pereira, Nathália Kneipp, Mário

Celso de Araújo, Jaul Ramalho de Castro, Francisco de Paula Filho, Nilva Rios, José Carlos F. Vieira, Ana Paula Padrão, Pedro Henrique Mansur. Diagramação: Chico Amaral. Fotografia: Antônia Márcia, Paulo Paniago, João Carlos Fontoura e Susana Debal. Laboratorista: Jeová Xangô. Ilustrações: João Batista Paganine, Humberto Junqueira, Mário Viggiano, Adriano Valle.

Composição, Revisão, Montagem e Impressão: CORREIO BRAZILIENSE

REFORMA UNIVERSITÁRIA

Que projeto era esse?

Com a decisão do MEC de adiar o encaminhamento do anteprojeto de reforma universitária ao Legislativo, os professores decidiram suspender a greve. No entanto, a mobilização contra o documento do GERES vai continuar.

ANA TERESA SERPA

O Governo Federal decidiu não enviar o anteprojeto de lei elaborado pelo Grupo Executivo para a Reformulação da Educação Superior (GERES), que propõe a reforma universitária, tendo em vista as "manifestações de diversas entidades". O presidente José Sarney decidiu só enviar o anteprojeto ao Legislativo depois que as propostas e sugestões das entidades interessadas sejam examinadas pelo Ministério da Educação, sem prazo estipulado. A questão da isonomia salarial entre as universidades autárquicas e fundacionais, estopim da greve dos funcionários, não será, no entanto, desvinculada da reforma universitária. Mas, afinal, que projeto era esse?

Em 1985, o então ministro da Educação, Marco Maciel criou uma comissão "heterogênea", integrada por pessoas convidadas diretamente pelo Governo, com o objetivo de reformular a educação superior. O documento final da Comissão de "Alto Nível" chocou-se com os princípios defendidos pelo movimento docente. Mesmo assim, o MEC criou, em março de 86, o GERES. Mais uma vez nenhum representante das entidades interessadas fez parte dessa comissão dita interministerial; e somente no dia 29 de setembro a ANDES recebeu uma cópia do relatório final e do anteprojeto de lei.

Em meio a propostas contraditórias o projeto do GERES, entre outros objetivos, propôs a dissociação entre ensino, pesquisa e extensão, estabeleceu a "autonomia" da universidade através de um controle de sua atividade por agentes financiadores; eliminou a isonomia salarial e acabou com as eleições diretas para reitor. O relatório provocou tanta controvérsia que só na parte introdutória, por exemplo, encontramos afirmações do tipo, "(...) um elemento estranho à tradição de nosso ensino superior: pesquisa"...

REJEIÇÃO

O movimento docente rejeita a possibilidade de que a universidade se limite "ao papel de mera reprodutora do

conhecimento já existente e exige, como condição para o desenvolvimento de um pensamento crítico e pluralista, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, assim como a universalidade de campo" (que o anteprojeto também abole), como escreveu o professor Marco Antônio Pereira, da Universidade Federal da Bahia, em seu relatório de "contribuição à análise do anteprojeto", que foi aprovado pela Diretoria da ANDES.

"O conceito de universidade adotado pelo GERES", escreveu ainda Marco Antônio, "trata de uma formulação supostamente assumida pelo governo, como parte de uma tendência voltada para sua desobrigação crescente frente ao ensino superior, seja através do crescimento da rede privada ou através do controle da rede pública por agentes financiadores". Mas, segundo o Secretário-Geral do MEC, Aloísio Sotero, os professores e funcionários "não interpretaram bem" que o objetivo é dar maior autonomia financeira e administrativa às universidades — os reitores poderão receber os recursos federais e geri-los de acordo com suas necessidades.

O professor da UFBA expressa claramente que com a pesquisa o professor faz avançar o conhecimento na sua área de trabalho, ao mesmo tempo em que age no sentido de desenvolver enquanto profissional e de aprofundar a formação dos estudantes. Com a extensão, leva-se o conhecimento gerado na universidade a parcelas da população. A universidade fornece as condições concretas e o estímulo à interdisciplinaridade no ensino, na pesquisa e na extensão, evitando a redução da atividade superior à mera formação de mão-de-obra qualificada.

A luta central do movimento dos professores, estudantes e funcionários, inclusive, foi pelo não envio do anteprojeto ao Congresso. Uma vez conseguido isso o objetivo agora é conseguir que sua proposta de Universidade seja discutida amplamente e transformada em lei.



Fim da greve

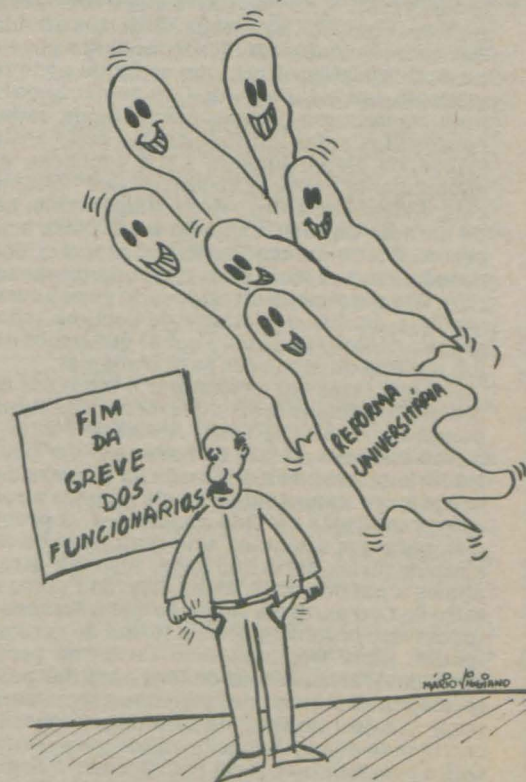
Num clima de muita indecisão, 1700 funcionários da UnB aderiram à greve nacional, deflagrada no dia 30 de setembro, reivindicando a isonomia salarial nas Fundações e Autarquias, através de um Plano Único de Cargos e Salários. Vinte dias depois, a greve, denominada por muitos de "precipitada", chegava ao fim embalada por um único motivo: o engavetamento do anteprojeto de lei pelo governo federal.

Diversas críticas ao comando de greve começaram a surgir no decorrer da greve, porque, segundo depoimentos de muitos funcionários, que não quiseram se identificar, não tinha ficado claro porque a UnB, uma Fundação, estaria em greve por uma equiparação de salários em apoio às universidades autárquicas, que reivindicam justamente a isonomia salarial com as Fundações.

Logo no início da greve, a presença constante, nas concentrações, de candidatos do PT e de pessoas ligadas diretamente ao Sindicato dos Auxiliares de Administração Escolar fez com que muitos funcionários levantassem a suspeita de que a "dobradinha" CUT-PT estaria de alguma forma manipulando a greve. "Não é um movimento político-partidário", advertiu o presidente da ATAFUB, Rosalvo Pereira Filho. "Não vamos permitir infiltração", continuou ele.

As opiniões divergiram o tempo todo. Aos poucos, as assembleias iam se esvaziando e no máximo 300 pessoas estavam presentes. "Tinha medo de ser vaiado por ser contra a greve", explica ao CAMPUS um funcionário. O reitor Cristóvam Buarque afirmava com relação às reivindicações internas: "A universidade continua aberta".

Contra ou a favor, a realidade foi que a universidade poderia ter paralisado suas atividades totalmente, se a greve se prolongasse. O setor administrativo já estava entrando em colapso e tudo funcionou de modo precário. As aulas teóricas, em sua maioria, não chegaram a ser prejudicadas. O próprio movimento foi ameaçado de parar muitas vezes. Certamente a isonomia salarial pode ser tratada sem nenhum vínculo com a Reforma Universitária mas parece que mais uma vez os funcionários vão ter que esperar.



A decisão do Governo Federal de não encaminhar ao Congresso o anteprojeto da reforma universitária enfraqueceu o movimento de greve dos funcionários em todo o país.



Semana de estudos esvaziada na UnB

Apesar dos esforços de alguns, a semana de estudos deste ano foi parecida com a do ano passado: pouca participação e poucos resultados

MARCELO FEIJÓ/CLAUDIA RANGEL

Pela segunda vez a Universidade de Brasília programou em seu calendário uma Semana de Estudos. A primeira Semana de Estudos aconteceu no semestre passado e tinha o objetivo de debater a Universidade. A reitoria programou alguns Seminários e debates que tiveram participação mínima. Este semestre a semana foi organizada de um modo diferente: a programação deveria partir dos departamentos e não da reitoria. No entanto, nem todos os departamentos organizaram algo. Quando isto ocorreu a resposta foi pequena por parte de professores e estudantes.

As exceções ficaram por conta da Geologia, que organizou a XIV Semana de Geologia com o tema Constituinte 86: Nacionalização do subsolo brasileiro, com boa participação de pessoas de dentro e fora da UnB, e por conta da Medicina, que debateu o seu currículo. Outro fator de movimentação foi o Seminário sobre recursos hídricos do DF, que atraiu muitas pessoas de fora. O Departamento de Letras programou um debate sobre o currículo que foi prestigiado por um punhado de professores e um aluno. A Arquitetura, por sua vez, debateu seus problemas com razoável quorum. O Departamento de Antropologia programou um debate sobre a profissão de Antropólogo que foi adiado pela total falta de debatedores. E assim foi na maioria dos Departamentos. Enfim, a Universidade esteve semideserta durante esta semana, tendo a ela comparecido principalmente aqueles que dela dependem para alguma atividade extra-acadêmica, como comer no bandejão.

Talvez nem seja válido buscar razões. Mas quanto aos estudantes, que são sempre considerados os maiores culpados pelo fracasso destas atividades, o que é claro é que estão desestimulados para este tipo de discussões. Aliás, que estímulo pode ter, por exemplo, um estudante de Comunicação para ficar uma semana em debates esquentando cadeira, se poucos dias antes um funcionário desta Instituição esteve no Departamento para confiscar o único equipamento em boas condições que tínhamos: um equipamento de vídeo? Este equipamento, batalhado durante um ano, segundo a administração, não pertence à Comunicação. Ele deve ficar, ainda que parado, em um local para uso comum, mesmo que para isto paralise as atividades de vários cursos. Na verdade, analisa o estudante de Comunicação, não é preciso debater nada para saber que temos direito a um mínimo de condições para trabalhar.

E o que fazer para estimular o interesse dos alunos em participar mais ativamente das futuras Semanas de Estudo da UnB? Afinal de contas, o problema não está no fato de haver um período do calendário reservado à discussão na Universidade. Isto é sempre importante e saudável para a reavaliação e renovação da vida acadêmica. O problema é que, para que a semana seja realmente de estudos, e não de férias, teria que haver algo que atraísse os alunos a participar. A aluna Iris, do Centro Acadêmico de Letras, deu a sugestão que a Semana de Estudos fosse organizada sob a forma de cursos de extensão. Cada Departamento faria sua programação, convidaria pessoas de fora para dar palestras, levantando assuntos de interesse para o curso e os participantes; ao final da semana, receberiam um certificado de participação válido para o currículo. Outra possibilidade seria transformar a Semana de Estudos em Semana de Estudos, Artes e Lazer, com programações no Centro Olímpico, nos auditórios e no Teatro de Arena. Seria uma forma de tornar a semana mais leve e atraente, uma possibilidade de fugir da rotina acadêmica sem sair da Universidade. Sugestões como estas poderiam estimular uma mudança para melhor. Resta-nos esperar a semana do próximo semestre.

Reflexão em grupo foi a grande razão do curso "Constituinte e Constituição" promovido pela UnB. Em Brasília, vários grupos estão discutindo os textos propostos em cada aula. O resultado será encaminhado à Constituinte no próximo ano, após uma grande plenária que será realizada em dezembro na Universidade.

150 grupos debatem a Constituinte

NILVA RIOS

Circulando como encarte no **Correio Braziliense** desde o dia 30 de agosto, sempre aos sábados o Curso "Constituinte e Constituição", promovido pela reitoria através do Decanato de Extensão, já está divulgando o seu oitavo número, que trata da questão da Terra e do Sub-solo. Até o momento foram discutidos temas como as Constituições dos Povos em geral, do Brasil, o Estado Brasileiro, Direitos de Cidadania, Ciência e Tecnologia Saúde e Meio-Ambiente. Falta ainda, para cumprir o cronograma divulgado no primeiro número, tratar as questões da Educação, Informação e Cultura, Soberania Nacional e finalmente, o próprio Distrito Federal, visando sobretudo seus problemas atuais e perspectivas para o ano 2000.

Para a elaboração do curso a Universidade contou com o apoio de professores e funcionários que se engajaram no projeto e colaboraram espontaneamente, além de ter recebido a colaboração de pessoas renomadas nas diversas áreas que o curso trata.

Para o professor e consultor jurídico da UnB, José Geraldo de Sousa, o curso teve uma receptividade muito grande da população e hoje existem em Brasília 150 grupos de estudos, que refletem sobre os temas propostos em cada aula nos seus próprios locais de trabalho, durante cerca de duas horas por semana. Para ele, essa é a grande justificativa do curso: levar as pessoas à reflexão em grupo, pois isoladamente não funciona muito, embora todos saibam que existem leitores individuais.

OUTROS LOCAIS

Além dos 150 grupos de Brasília, o curso está sendo divulgado para outros locais, como por exemplo, nas áreas de extensão rural da Emater — Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural, que distribui cerca de 20 mil exemplares em 3 mil municípios brasileiros e a Cepac — Comissão Executiva de Plano para a Lavoura Cacaueira, que também distribui 5 mil exemplares nos Estados da Bahia, Amazonas e Pará para onde ela enviou seus técnicos para implan-

tação do curso, e em Brasília nas suas diferentes repartições. Esse dois órgãos são vinculados ao Ministério da Agricultura, que talvez tenha o curso mais dinâmico.

Para a coordenadora do projeto junto ao Ministério, Anny Massière Birchall, existe pelo menos um grupo para cada secretaria, às vezes mais de um, e todos com grande participação. Embora reconheça que no começo a participação era ainda maior, hoje as pessoas que estão nos grupos são as mais interessadas. Além das reflexões sobre o que sai publicado aos sábados, o Ministério promove atividades paralelas, em geral palestras, que contam com grande participação dos funcionários, principalmente pessoas do alto escalão do Ministério, proporcionando um alto nível nas discussões. Isso ajuda as pessoas a refletirem sobre o seu próprio papel na sociedade.

Para ela, "ser cidadão é muito difícil. Implica em participação, em conhecimentos, em busca de informação. Significa luta e não briga, porque ser lutador é importante, mas a sociedade condena a briga e valoriza a luta".

DIVULGAÇÃO

Uma outra forma de divulgação

Além de permitir uma reflexão sobre os temas que preocupam a sociedade, o curso proporciona ainda uma reflexão das pessoas sobre o seu próprio papel na sociedade. Para Anny Massière, ser cidadão é muito difícil e implica em participação. Mas, infelizmente nem todos pensam como ela.



do curso está sendo feita pelo Jornalista Jorge Wanbourg, da Rádio Nacional, através de boletins. São dois tipos de boletins, que ele põe no ar de hora em hora com base no material publicado aos sábados, ou então de entrevistas com professores especialistas nos assuntos ou com pessoas dos grupos de estudos.

Na sua opinião, o que ele está fazendo é uma contribuição mínima, pois poderia ser muito maior se a Rádio Nacional e as outras emissoras promovessem debates sobre as questões nacionais.

Na Universidade, a participação de funcionários e alunos não é muito significativa. Entre os funcionários existem hoje, principalmente no restaurante, vários grupos formados, totalizando umas 80 pessoas, que se reúnem e discutem os temas propostos pelo curso, como informou a professora Maria Rosa, coordenadora do curso.

Recentemente, a ATA-FUB também se engajou no curso e os funcionários interessados estão se reunindo todas as quartas-feiras na sala de reuniões da reitoria de 15:45 às 18 horas.

Entre os alunos não há participação, a não ser casos isolados de pessoas que vão procurar os fascículos ou alguns professores do Direito e Educação que estão fazendo um trabalho de reflexão dentro da própria sala de aula. Para Maria Rosa, o que houve em relação aos alunos é que as pessoas responsáveis pelo curso se envolveram tanto com a divulgação externa que não tiveram condições de sensibilizar os alunos para a constituição dos grupos dentro da Universidade. Isso decorreu principalmente da falta de pessoal de apoio.

Conversando com alguns alunos no Ceubinho no último dia 13, deu para vislumbrar um quadro de participação mínima. Em geral, poucos alunos sabem da existência do curso e aqueles que sabem dizem não ter tempo para ler jornal e que o tempo livre de que dispõem é para estudar.

O final do curso está previsto para dezembro, quando a UnB, irá realizar uma grande plenária, onde, de posse das propostas elaboradas pelos grupos no decorrer do curso, redigirá a proposta final para ser encaminhada à Assembleia Nacional Constituinte.

Anúncios no Campus: Conheça quem os faz

CLAUDIA RANGEL

Os leitores do Campus já devem ter percebido que o jornal conta agora com anúncios. A cada número, duas das páginas do Campus são preenchidas com publicidade, cujos temas têm sido a divulgação da cultura em Brasília e uma campanha das atividades destinadas à comunidade da UnB. Os anúncios são assinados pelo CRIA/COM, Centro de Realização de Ideias e Apoio, grupo formado por alunos do curso de Publicidade e Propaganda do Departamento de Comunicação.

Humberto Junqueira, diretor-geral do CRIA/COM, explica que a equipe foi formada a partir da necessidade de se ocupar as duas páginas a mais do Campus, destinadas à Publicidade. As páginas extra foram conseguidas a partir de uma reivindicação antiga da professora Malu, que, atualmente divide com o professor Clodo as disciplinas específicas do curso de Publicidade.

A idéia de Malu era que os alunos de Publicidade 1 pudessem participar do Campus, fazendo um trabalho prático que tivesse um retorno real para a turma. Em sua opinião, isso seria importante não só para um exercício dos alunos, mas também para o próprio jornal que teria a experiência de conviver com a publicidade, como acontece nos veículos tradicionais. No entanto, até este semestre, nem todos os responsáveis pelo Campus partilhavam dessa idéia; não se queria permitir no jornal outra atividade que não fosse jornalística. Por isso, Malu conta que foi um pouco difícil conseguir a participação da Publicidade no jornal. Mas as duas páginas a mais resolveram o problema.

Assim surgiu o CRIA/COM, formado por um diretor-geral, três diretores de Arte, um responsável por material, outro por fotografia e dois responsáveis pelo Contato. Mas, além deles, o grupo conta com a participação de vários alunos de Publicidade. O importante é ter disposição e algum tempo para trabalhar, pois apesar de terem um horário bastante livre, os partici-

pantes do CRIA/COM têm o compromisso de estar com os anúncios prontos dentro do prazo de fechamento do Campus.

CAMPANHAS

Os temas das campanhas que o grupo pretende fazer este semestre foram decididos em conjunto, mas a campanha de Cultura em Brasília, que está sendo veiculada atualmente, não é criação deles. Ela já estava pronta. São quatro anúncios de uma página formulados pela turma de Publicidade 2 do semestre passado. Os demais temas escolhidos foram, em princípio, relacionados com a divulgação do que acontece na UnB. E a campanha A UnB é o que rola nela. Apesar dessa pauta já planejada, Humberto Junqueira esclarece que ela é flexível e o grupo está aberto a

outras sugestões. Já surgiram idéias de se fazer anúncios sobre o Festival de Cinema de Brasília e sobre as eleições.

Para organizar o trabalho e levar adiante todas essas idéias, a equipe do CRIA/COM se divide em subgrupos que ficam responsáveis pela criação e confecção dos anúncios de cada campanha planejada. Assim, os trabalhos vão seguindo paralelamente, e eles procuram sempre estar adiantados em relação ao jornal. No momento já estão prontas as idéias para os anúncios dos próximos três Campus.

DIFICULDADES

Mas apesar de todo o entusiasmo do grupo e a tentativa de organizar o trabalho da melhor forma possível, contando com a assistência técnica dos professores Malu e Clodo, o CRIA/COM tem enfrentado problemas no que diz respeito ao material. Faltam letras-set, fotolito, materiais que são caros e não existe uma verba específica do departamento para sua compra. Eles têm usado o material do laboratório de Publicidade, mas ele não atende às necessidades de um trabalho mais profissional como o do

CRIA/COM.

Para suprir estas deficiências, o grupo conta com o apoio da professora Malu, que tenta conseguir o material que falta e, na área de fotografia da professora Luiza Venturelli, que consegue alguns filmes para fotos, quando necessário. Outra ajuda que foi muito importante, principalmente no início, foi dos diagramadores do Campus, Chico e Maria Rita. Atualmente, Chico é quem consegue a composição dos textos e títulos necessários para os anúncios, na gráfica do CORREIO BRAZILIENSE.

Os planos para o futuro são muitos. O pessoal do CRIA/COM pretende expandir os anúncios, como já tem acontecido, dividindo as duas páginas a que têm direito no jornal em anúncios menores, de meia página ou 1/4 de página. Deste modo, os anúncios ficariam espalhados nas páginas do Campus como acontece nos demais jornais. Eles pensam também em repetir alguns anúncios, para fixar a idéia transmitida. Além disso, outro plano é que, no futuro, o CRIA/COM possa ser usado como estágio para os alunos de Publicidade.



As vezes é difícil encontrar uma boa idéia, e o debate é o melhor caminho



NILVA RIOS

UnB mostra seu samba no eixão

Se você é ligado e gosta de samba, agora pode participar da Escola de Samba da UnB. Brincadeira? Não. Um projeto sério que surgiu no semestre passado e que tem tudo para dar certo. Essa é opinião de Marcelo Velasco, de Departamento de Desenho, pai da idéia e que a está levando adiante, com a ajuda, na maioria, de funcionários. Para ele, esse projeto vai dar certo porque o samba toca e mexe com as pessoas.

“...quem não gosta de samba bom sujeito não é. É ruim da cabeça ou doente do pé...”

e é um projeto que tem um lado muito mais sério que o de qualquer outra escola: será voltado para a pesquisa, tanto estética e musical como didática.

Na sua opinião, essa parte da pesquisa é muito importante, pois existem na Universidade vários departamentos que podem se integrar à equipe, como o da Música e o de História, e os enredos das escolas de samba são tradicionalmente históricos. A grande proposta da Escola de Samba da UnB é fazer um estudo de tudo que já foi produzido nessa área, levantar a história do samba no Brasil e fazer uma adaptação para Brasília. Uma dessas adaptações será provavelmente a Ala dos Estrangeiros, claro que com a participação das Embaixadas. Marcelo acha que só Brasília oferece essa oportunidade, pois aqui estão as representações de vários países que, como sabemos, não são alheios ao car-

naval, visto o grande número de turistas estrangeiros nessa época nas nossas principais cidades carnavalescas. Se você ainda não ouviu nada dessa Escola de Samba não se preocupe. É que a equipe responsável pela implementação do projeto, seis e sete pessoas envolvidas diretamente e mais uma 20 agindo indiretamente, não pôs a boca nos tronbone. Para isso, faltam ainda chegar os 140 instrumentos adquiridos e obter o registro formal e burocrático da escola. A verba para compra desses instrumentos foi obtida com o apoio da reitoria que liberou Cz\$ 36 mil, dos Cz\$ 100 mil solicitados por Marcelo no semestre passado. Para quem não sabe, uma escola de samba antes de tudo deve ser registrada na Junta Comercial e no Ministério da Cultura e só a partir desses registros é que os seus responsáveis poderão partir para a busca de patrocinadores.

Com patrocinadores, pois Marcelo Velasco confia na aplicação da Lei Sarney, que isenta do imposto de renda e aplicação de verbas para a cultura, a meta será Carnaval de 87, quando a escola desfilará como bloco. Até lá, a Escola de Samba já terá um nome escolhido por concurso enredo, alegorias e com certeza muitos participantes, pois a participação será aberta não só à Universidade mas também aos foliões da cidade. Como nada é só sombra e água fresca, está previsto para novembro um curso de extensão, para estudar nossas atuais escolas de samba, seus enredos.



Era uma vez um casal de jovens que, num sábado de lua cheia resolveu completar o romantismo daquela noite indo a um motel, nas proximidades da cidade em que moravam. Mas havia um problema: eles não tinham carro. Como a ansiedade era tamanha, a falta de um carro não era empecilho. Pegaram um ônibus e saltaram em frente ao motel. Uma surpresa: havia uma fila de carros enorme. O casal, sem constrangimento algum, pegou o final da fila. Na frente uns carros, atrás outros. E à medida que a fila andava, o casal dava uns passinhos à frente. A namorada, um pouco cansada, encostava a cabeça no ombro do rapaz sem jamais perder o ar carinhoso.

Você pode até achar que está é a versão moderna da estória de João e Maria. Mas isto realmente aconteceu, há pouco tempo, no motel Paradise, conforme contou a gerente Rosa. Parece que aquele tempo, em que frequentar motel era uma coisa proibida, já passou, o que contribuiu para o aumento de demanda nestes estabelecimentos. Além dessa liberação, outro fator que pode estar levando a classe média a frequentar mais os motéis é o congelamento dos preços, a partir do Plano Cruzado. Quer dizer, mais filas.

HORA DO RUSH

Uma dica. Se você pretende ir a um deles e não tem perseverança para esperar um quarto vazio ou acha que isso pode até criar um clima tenso entre você sua (seu) namorada (o), evite horários de "rush" como, por exemplo, entre as 11 horas da manhã à uma da tarde, quando você terá, como concorrentes nas vagas, executivos e suas secretárias. Outro horário não aconselhável é o noturno, quando se corre o risco de passar por minutos desagradáveis de espera, na fila dos amantes da noite.

Mas pelo que parece, a oferta vai satisfazer, daqui a uns meses, toda essa procura. Somente em frente ao Núcleo Bandeirante estão sendo construídos mais três motéis. E essa concorrência está fazendo com que sejam oferecidas mais vantagens para a estada dos seus clientes, como as introduzidas pelo Paradise: o aumento de 4 para 5 horas de permanência no quarto e a cadeira "Su-tra", uma inovação na praça, onde o casal pode satisfazer-se com posições mil.

Outro exemplo é o Fujiyama, que usa como chamariz o seu almoço executivo para dois pelo preço de um.

DEPOIMENTOS

"Eu acho fila um saco, acaba com o tesão de qualquer um", reclama a jornalista Maria Cristina, 27 anos, que teve uma experiência de quase uma hora de espera, na fila de um motel próximo ao Valparaíso. "A situação era tão patética que tive acessos de risos", completa. Na opinião dela, motel é um pouco anti-romântico, Maria Cristina prefere opções que envolvam a natureza, como cachoeiras.

Outro frequentador, o funcionário público Francisco, 22 anos, insatisfeito com a fila, preferiu, numa noite de sexta-feira, trocar a confortável suite de um motel pela prainha. "Não dá pra ficar esperando", diz ele.

Já Cláudia, 22 anos, aluna da UnB, não reclama das filas e até elogia o preço das refeições. "Só acho que muitos motéis poderiam ter mais bom gosto na decoração de seus quartos e nos filmes exibidos nos vídeos", conclui ela.

E, mas apesar de algumas reclamações, os amantes dos motéis continuam aumentando.

Quem diria! Agora até em motel tem que encarar fila

Programado para a profissão: mulher

CHICO MOURA

Criado em 1981, o "Viva Maria" completa seus cinco anos de existência como o primeiro e único programa de rádio dedicado ao público feminino. Com um sucesso estável, ele alcança na Rádio Nacional um garantido primeiro lugar em audiência. A grande prova do crédito dado ao programa foi a sua transferência de horário para duas das horas mais nobres da rádio, entre dez e doze horas da manhã.

Seu grande pivô, a locutora e jornalista Mara Rêgia, serve de porta-voz para todos os temas relacionados à mulher. Juntamente com uma colega, Antonieta Negrão, Mara fundou o "Viva Maria" no intuito de ativar uma consciência entre as mulheres a respeito de sua participação na sociedade. Seu grande público feminino debita grande confiança nas informações dadas através do programa e contribui através de cartas, telefonemas ou até mesmo de sua presença na rádio.

Diariamente são abordados temas distintos em torno das dúvidas emitidas pelo público, sempre com a presença de especialistas: psicólogos, advogados, sexólogos, esteticistas, etc.

Um "programa de revista", é assim chamado por Mara, por ser dividido em seções, espalhadas durante a semana. Cada dia tem em suas apresentações uma abordagem fixa: às segundas-feiras, por exemplo, discute-se saúde e mercado de trabalho; às terças, a criação dos filhos; quartas, direitos da mulher; quintas, sexo e sensualidade e às sextas-feiras, três grandes quadros: estética, culinária e vida artística.

Tudo é feito de forma a que alcance todas as classes sociais, principalmente a mais pobre, em que se percebe o maior número de mulheres interessadas nas idéias novas que entram em suas casas. Aliás, é assim que

Mara se refere ao seu programa: uma continuidade da casa de suas ouvintes. Mas esse envolvimento com a mulher brasileira, segundo Mara, requer responsabilidade e muito tato para lidar com as diversas reações do público.

Muitas vezes algumas mulheres se identificam tanto com o programa a ponto de criar certa dependência: elas depositam em Mara inteira confiança para que surjam soluções para todos os seus problemas. Sem contar também o aparecimento de algumas reações contrárias a certos assuntos do "Viva Maria", como religiosos-fervorosos que se indignam com certos assuntos sobre sexo, ou então maridos machistas que não aceitam a emancipação de sua mulher.

Mara refere-se até mesmo do machismo de algumas mulheres que discordam dos temas liberais.

O programa também apresenta músicas escolhidas pelas próprias ouvintes, horóscopos aos sábados e algumas fofocas às quartas-feiras. "Afim", diz Mara, "apesar de eu não gostar de fofocas e horóscopo, o povo gosta".

Mara diz não estar filiada a partido algum. "Sem o rabo preso", diz, "posso fazer críticas a quem quiser, de qualquer partido". "Me orgulha muito ser o "Viva Maria" um programa sem vínculo político e econômico. A importância está em lutar contra toda essa discriminação que existe por aí contra a mulher, discriminação que também vivencio".



Feminismo desestruturado no DF

MARGARETH MARMORI

Em Brasília não existe nenhum grupo feminista organizado. Desde 1984 o Brasília Mulher, único grupo feminista da cidade, está desativado. Somente este ano algumas feministas da cidade, inclusive integrantes do Brasília Mulher, voltaram a organizar-se, através do Fórum de Mulheres, para lutar contra a violência sobre o sexo feminino e pela criação de delegacia da mulher em Brasília.

Mas o Fórum, de acordo com Marlise Vinagre, assistente social, assessora técnica do Conselho Nacional de Combate à Violência sobre a Mulher e participante do grupo, não é um movimento feminista. Isso "porque o movimento feminista trata da discussão da opressão que a mulher vem sofrendo durante a história". Já o Fórum é um grupo de mulheres reunidas em torno de uma luta concreta e imediata que reúne representantes de diversos setores da

população feminina, de empregadas domésticas a empresárias.

Enquanto o Brasília Mulher discutia constantemente sobre a condição feminina, veiculava a problemática da mulher, organizava atividades por volta do 8 de março, fazia o acompanhamento de problemas como estupro e alvarás para aborto, o Fórum volta-se especificamente para a questão da violência, lutando pela criação da delegacia.

A articulação para organização do Fórum começou depois de uma declaração do secretário de Segurança Pública, Olavo de Castro, que afirmou considerar importante a instalação da delegacia da mulher porque, para esposas de políticos e embaixatrizes, era constrangedor denunciar roubos praticados por empregadas domésticas em delegacias comuns. Discordando em gênero, número e grau da afirmação do secretário, mulheres de diversas entidades organizaram-se a partir da con-

vocação feita pela radialista Mara Rêgia em seu programa Viva Maria.

Desde junho deste ano o Fórum tem feito reuniões semanais e pressionando o GDF a construir imediatamente a delegacia. Foi realizada uma pesquisa com 1808 mulheres do Plano Piloto, Gama e Ceilândia. Das entrevistadas, 933 (mais de 50 por cento) já haviam sofrido algum tipo de violência e, desse total, 612 não registraram queixa em delegacia.

Segundo a advogada Vera Lúcia Araújo, outra integrante do Fórum, a delegacia ajudará a discussão desse tipo de violência, mantendo uma certa proximidade dos movimentos de mulheres. Para ela, a delegacia não deve se resumir à "mulher ser respeitada e bem atendida, o inquérito instaurado e enviado à Justiça". A solução para essa violência, segundo Vera, é bem mais ampla e complexa e exige, entre outras tantas medidas, a existência de atendimento psicológico nas delegacias da mulher.

ELEIÇÕES

Na TV, o que
o povo vê é
brincadeira

JOSE CARLOS ANATOLY

"Aqui está a nossa **Magda Carta**", essa foi frase proferida por um candidato a deputado, no fervor do seu discurso para uma vaga na Constituinte. Erros graves como esses, apelações, propostas absurdas de todo os níveis, encontrados em horário nobre todos os dias no programa do Tribunal Regional Eleitoral.

Para Célia Maria F. Vieira, estudante de pós-graduação em Economia na UnB, a maioria dos políticos não sabe ainda o que é Constituinte e uma posição realista perante problemas estruturais como, saúde, salários, alimentação e habitação". A gente vê pela televisão, candidatos dizendo que depois de eleitos, vão colocar caixas d'água em favelas, criar indústrias na Vila Paranoá e outros atenuantes demagógicos, eles esquecem que estarão, se eleitos, no Legislativo e não no Executivo, se essas iniciativas forem dos seus bolsos, que façam agora".

O vocalista do grupo Detrito Federal, Paulo César "Cascão", acha cômico a postura de alguns candidatos, que apelam para o sagrado em busca de votos, e ironiza, "Deus para o senado, Eu para deputado". Cascão dizendo que há candidatos que fugiram da escola, cedo, não conseguem nem se expressar e em frases como, "uma das nossa principal meta" ou "câmara dos deputados", "falta um mês e quinze dias pras eleição" e ainda "nós tamo precisando de ajudá Brasília", Cascão conclui satirizando, "são frase assim que fazem com que eu confunda o programa do TRE com o Telecurso Primeiro Grau".

José Salomão de Amorim, professor de Comunicação da UnB, acha que a questão de má qualidade dos programas do TRE, precisa ser discutida no contexto geral da vida no país. "Hoje, graças à abertura, nós temos a possibilidade de ter mais candidatos representativos a todos segmentos da sociedade, e isso é positivo. Nós temos do rico ao pobre, do analfabeto ao alfabetizado, dos militares aos delinquentes concorrendo democraticamente".

José Salomão acredita que apesar da má qualidade técnica, a conquista de um espaço na TV é uma vitória, que determinados setores vão tentar resgatar e nós temos que garantir esse espaço. "Eu tenho medo de que a pichação constante dos programas, como estou vendo por causa da má qualidade técnica, leve à desmoralização da política, como canal livre para a prática da democracia".

MARGARETH MARMORI
PEDRO MANSUR

Brasília, se depender do governo José Aparecido, não perderá o título de cidade monumento. Construção, transferência e reforma de monumentos têm sido algumas das grandes preocupações do governador que, sem recursos, procurou e procura o apoio de empresários para viabilizar as idéias do arquiteto Oscar Niemeyer.

Um exemplo disso é o Panteão da Liberdade e da Democracia que, até agora, custou 21 milhões de cruzados aos cofres da Fundação Bradesco, financiadora da construção. Com o Panteão, a cidade ganha mais um edifício projetado por Niemeyer. Esta preferência dada ao arquiteto pelo GDF é criticada por José Carlos Coutinho, professor do Departamento de Urbanismo da UnB e ex-presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil: "Não tenho nada contra a escolha de Oscar Niemeyer para a elaboração de qualquer projeto para a cidade, o que não concordo é com o fato de Brasília se transformar na cidade de um arquiteto. Niemeyer deveria ser um dos arquitetos de Brasília e não o único".

Aberto ao público no dia 7 de setembro, com quatro meses de atraso (deveria ter sido inaugurado no dia 21 de abril, coincidindo com o

aniversário da morte de Tancredo Neves e com o aniversário de Brasília, o Panteão fechou suas portas no dia seguinte. Segundo os responsáveis pela obra, às visitas foram interrompidas para "alguns arremates", a construção de duas paredes de mármore, a realização de serviços de iluminação interna e a formação das equipes de administração e manutenção.

O monumento vem sendo construído há dez meses, ocupando 140 funcionários em horários diurnos e noturnos. Em seu salão principal há um vitral, em forma de passário, de Marianne Perretti, que consumiu 2000 pedaços de vidro vermelho e roxo, com espessura de 4 e 5 centímetros, importados da Alemanha. O Panteão tem também sete painéis de João Câmara, um mural de Athos Bulcão e um livro de aço onde constarão algumas palavras de Aparecido e os nomes dos "heróis que lutaram e morreram pela liberdade". Há, ainda, no interior do monumento, duas placas com textos de José Sarney e do presidente da Fundação Bradesco, Amador Aguiar.

A construção do Panteão, orçada inicialmente em 67 bilhões de cruzeiros, de certa forma, acelerou a decisão do governador José Aparecido em transferir o mastro gigante com a bandeira nacional da Praça dos Três Poderes. Para ele, a transferência do mastro "é uma experiência lógica para preservar a harmonia arquitetônica da Praça". Mas, an-

tes de tomar qualquer decisão a esse respeito, o governador fez uma série de consultas a setores militares da Nova e da Velha República: Não encontrando resistências a essa idéia entre os militares, José Aparecido definiu que o mastro, com seus 109 metros de altura e 30 metros de fundação, já deveria estar no Parque Rogério Pithon Faria no dia 19 de novembro — Dia da Bandeira.

Mesmo com a polêmica criada na cidade em torno do assunto, o GDF parece não pretender mudar de idéia quanto à transferência do mastro. Pelo menos é o que deixa claro o secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, ao afirmar que a mudança do mastro é agora apenas uma questão de condições técnicas adequadas. "Estamos fazendo um levantamento dos custos e da maneira como fazer a remoção. Uma vez que o mastro foi montado tecnicamente, ele poderá ser desmontado. Eu tenho a impressão que os custos não serão tão grandes".

Se para decidir transferir o mastro, José Aparecido consultou militares, para decidir construir o Panteão e com isso mudar a fisionomia da Praça dos Três Poderes, nenhum setor da população brasiliense foi consultado. O professor Coutinho condena essa atitude: "Toda a comunidade deveria, de alguma forma, ser consultada a respeito de um projeto como o Panteão e não apenas alguns 'iluminados', pois assim a Praça dos Três Poderes se transforma em Praça dos Três Poderes e mais alguma coisa".

Mas não será apenas a Praça dos Três Poderes a sofrer modificações no governo Aparecido. A maquete do novo visual da Catedral, também um projeto de Oscar Niemeyer, já está na mesa do governador. A igreja terá suas colunas pintadas de branco e serão colocados vitrais brancos em diferentes tons de azul (estes últimos importados) que, segundo Niemeyer, darão maior unidade de cor à Catedral. Esses vitrais também ficarão sob a responsabilidade de Marianne Perretti. O projeto ficará em torno de 10 milhões de cruzados e, com o objetivo de angariar fundos para as obras, o governador resolveu criar a Comissão do Movimento Pró-Catedral, formada principalmente por empresários e autoridades do GDF. Essa comissão tem o apoio técnico da Secretaria de Viação e Obras e o apoio político de de Aparecido que se empenha para conseguir doações de empresas nacionais e multinacionais.

Brasília: cidade ou monumento?

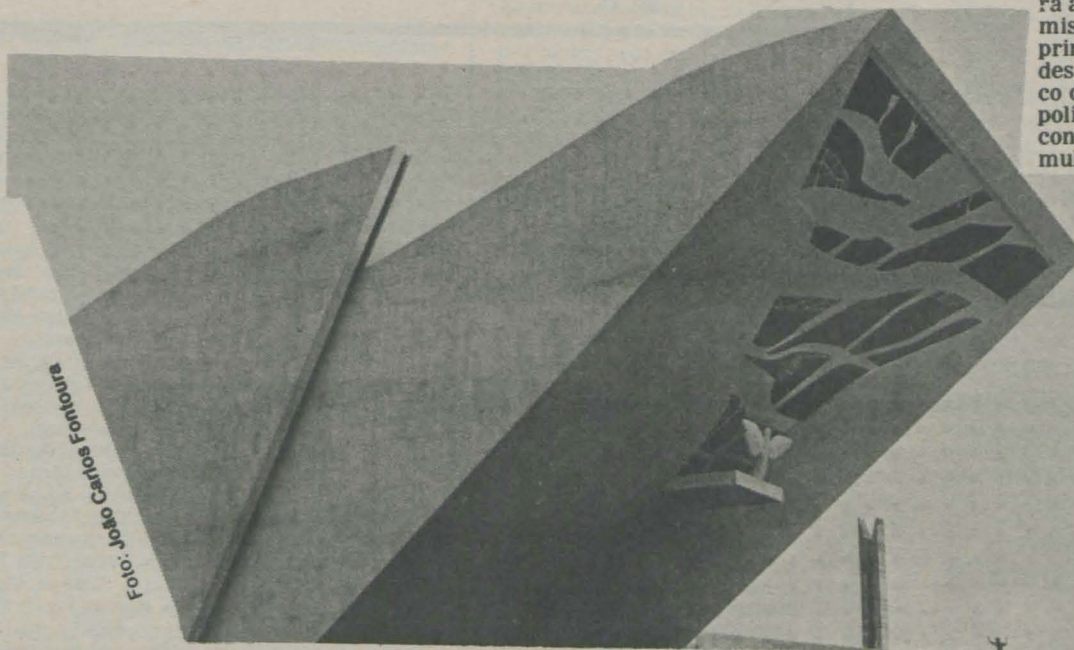


Foto: João Carlos Fontoura

**Memorial, Panteão,
Mastro, Catedral...**
**Brasília
caracteriza-se
por ser a
capital dos
monumentos que,
é claro,
sempre exigem
gastos exorbitantes.**

Brasilinha: a luta por terras

GREICE NEVES

Criada para abrigar forasteiros há 19 anos, a cidade de Brasilinha, próxima ao DF, passa hoje por um problema sério, um crescimento rápido e desordenado que acarretou um aumento de 32 mil habitantes para uma infraestrutura que não suporta tal índice.

Com o crescimento, um dos pontos mais afetados é área de segurança, que causa grande preocupação às autoridades locais, bem como à população. O problema também atinge as áreas públicas que se encontram em péssimas condições.

LENTIDÃO POLICIAL

O número de policiais é ínfimo e os serviços prestados por eles não atende a todas as chamadas e ocorrências. O delegado local, conta que eles possuem uma única delegacia e que para uma população de 40 mil pessoas as instalações da cadeia e dos alojamentos são precaríssimas.

Os casos mais atendidos são os de brigas, assaltos e luta por terras, os posseiros entraram em conflito com os fazendeiros que pediram a intervenção da polícia no caso. Invasões como as ocorridas nas Fazendas de Cigano e Bonsucesso foram motivos para a troca de tiros e ameaças partidas dos posseiros, que insistem em permanecer nesses locais.

A intranquilidade dos habitantes é um dos motivos que justificam o pedido de intervenção da polícia nessa briga entre posseiros e fazendeiros.

Segundo o prefeito da cidade, Adhemar Alves Borges o problema todo está no grande número de pessoas que a cidade recebe anualmente, em geral retirantes, que não encontrando condições de emprego e moradia no Plano Piloto vêm para cá em busca de abrigo. Com isso a invasão das terras pertencentes aos fazendeiros locais é constante.

Para os fazendeiros a coisa não está muito boa, como é o caso da fazenda

Bonsucesso que foi invadida por 60 famílias. A lentidão das providências por parte das autoridades facilita a vida dos posseiros: "sem a repressão da polícia local as novas invasões podem acontecer a qualquer momento", comenta Ivonete, residente em Brasilinha.

CASO DIFÍCIL

Alguns fazendeiros estão procurando-se reunir para defender suas terras e seus direitos face as constantes invasões e de acordo com eles existem na história envolvimento políticos, por parte de candidatos locais. "Um 'causo' muito difícil", como fala José Maria, jardineiro local.

Paralelamente ao problema da segurança, a área da saúde também é afetada pela ineficiência do saneamento, educação e falta de uma infra-estrutura adequada. A permanente falta de água, de hospitais e postos de saúde são insuficientes para atender à população; a maioria procura pelos hospitais do Plano Piloto, até mesmo os casos de urgência.

Eleições e a briga pela vaga de Sarney

CLAUDIA MOEMA

A

sucessão do presidente José Sarney começa a ser jogada desde já, com as próximas eleições de 15 de novembro. A disputa pelos governos estaduais e por uma cadeira na Assembleia Nacional Constituinte poderá mover peças no tabuleiro político abrindo espaços para uma possível previsão em torno do nome que irá, no mínimo, ser um forte candidato à sucessão do chamado governo de transição. Novas lideranças poderão surgir, outras irão se firmar e ainda, haverá os desgastes previsíveis de uma derrota em torno das atuais lideranças políticas do País.

Entre tantas especulações, pelo menos nesses pontos, as opiniões dos analistas políticos Carlos Chagas, de O Estado de São Paulo, e José Carlos Bardawil, da revista Senhor, coincidem. No entanto, eles apontam locais diferentes onde essas lideranças irão se situar. Bardawil acredita que os governadores terão grande poder de fogo na condução do processo político, enquanto Chagas aposta mais nas lideranças que estarão dentro do Congresso. "Os governadores, antes de tudo, precisam governar e só farão isso, com a ajuda do poder federal. Não vejo grandes problemas para Sarney nos governos estaduais mas na Assembleia Nacional Constituinte, pois esse PMDB de esquerda que virá, pode fazer muito barulho no Congresso", diz Chagas.

Ao analisar o atual processo político, Bardawil, no entanto, afirma que, se confirmadas as pesquisas, o PMDB que vem aí é o PMDB autêntico e que estará justamente no comando dos governos estaduais. Em Pernambuco com Miguel Arraes, no Rio Grande do Sul com Pedro Simon, no Paraná com Alvaro Dias, em Goiás com Henrique Santillo e na Bahia com Waldir Pires. Esse PMDB que ganha, diz o jornalista, é o PMDB das grandes figuras do partido, o que muda um pouco o quadro político, podendo até pressionar uma mudança no ministério.

Por outro lado, uma coisa é certa — onde estiverem essas lideranças, elas terão muito trabalho para tentar reduzir o mandato de Sarney para quatro anos, como é o desejo de muitos, especialmente de Ulysses Guimarães. Ministros e assessores próximos ao presidente sequer cogitam essa possibilida-

de, batendo sempre em cima dos cinco ou seis anos. A exemplo disso, o ministro chefe da Casa Civil, Marco Maciel vem afirmando, há dias, que apesar da Assembleia Constituinte ser soberana, "não devemos nos esquecer que o presidente Sarney assumiu sob um regime constitucional que prevê seis anos de mandato". Pessoalmente, Maciel prega junto a colegas do ministério, a idéia dos cinco anos, "pois essa experiência já demonstrou ser adequada ao País". E, para assegurar os cinco ou seis anos, Sarney não ficará de braços cruzados e vai tentar conduzir o processo através das bancadas no Congresso.

Está claro que a duração do mandato de Sarney será um dos temas muito debatidos na Assembleia Nacional Constituinte, porque muitos fatores estão em jogo, especialmente, a chamada síndrome de Tancredo, ventilada há alguns dias, pelo ministro Aluisio Alves e que, para Bardawil, não se trata de uma invenção, porque o eleitor vai ficar com pé atrás ao votar em pessoas muito velhas. A corrida rumo ao Planalto, para candidatos como Ulysses, alvo dessa síndrome, vai se transformar numa verdadeira corrida contra o tempo e, certamente, se o mandato de Sarney for fixado em cinco anos, o presidente do PMDB estará fora do páreo pois, em 91, ele estará completando 73 anos. Bardawil entende que isso poderá dividir o

Todas as especulações são fascinantes. E quem imaginaria que a ditadura iria acabar e Tancredo Neves seria presidente. A única certeza é que a realidade será mais fascinante que as especulações.

(Carlos Chagas)



PMDB, pois Ulysses vai tentar os quatro anos e poderá não encontrar apoio dentro do seu próprio partido. "Então, ou Ulysses carrega o partido com os quatro anos e se firma como liderança e coloca Sarney a reboque do PMDB, ou perde a batuta do PMDB, que passa a ser dirigido por um novo maestro, que é Sarney", afirma Bardawil, acrescentando que a luta entre os dois já está em campo, além do que, já existe um grupo de Sarney dentro do PMDB.

Para o jornalista Carlos Chagas, a luta pela sucessão começa a ser travada desde já. A primeira impressão, explicar, é a de que havia um triângulo das Bermudas, cujos vértices estavam no Rio, Belo Horizonte e São Paulo e o PMDB, apesar de ser a força mais importante do processo político, poderia desaparecer nesse triângulo — Quêrcia perdendo e Darcy Ribeiro e Itamar Franco vencendo. Chagas lembra que essa impressão está desfeita apesar das previsões, porque, ainda que Quêrcia perca e Itamar ganhe, o Moreira Franco deverá ganhar no Rio. Portanto, falta um ângulo para o PMDB desaparecer. O que vai desaparecer, em sua opinião, é a prevalência total de Ulysses no PMDB e isso vai dar origem a uma espécie de condomínio, de diretório colegiado dentro do partido, onde todos continuarão prestando suas homenagens a Ulysses mas por outro lado, lideranças mais expressivas irão participar mais diretamente da condução do PMDB. E, essas lideranças, segundo Chagas, serão nomes como Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Lyra, Miguel Arraes, Waldir Pires, José Richa e Pedro Simon.

A possibilidade de derrota em estados como São Paulo, Minas e Rio, segundo Bardawil, significa que o PMDB poderá sofrer certo desgaste político o que resultaria em algumas divisões, porque novas lideranças surgiriam e disputariam com as lideranças de São Paulo, onde está a maior delas, que é Ulysses. E ainda, se Ulysses e outros nomes de São Paulo se desgastarem, quem irá se valorizar é o próprio Sarney. Bardawil acha que a eleição irá significar a aceitação de sua política e como é com o PMDB que ele terá que governar, "está evidente que Sarney já começa a disputar espaço dentro do partido, para dominá-lo e ser o seu par-



Quem é quem na disputa

A fila de candidatos à Presidência da República não para de crescer. Muitos são os nomes apontados como candidatos à sucessão do presidente José Sarney. Os jornalistas Carlos Chagas e José Carlos Bardawil fizeram uma análise a respeito desses candidatos, da situação atual de cada um deles hoje, e como as eleições de 15 de novembro próximo, poderão reverter esse quadro. Ulysses Guimarães é o nome que possui maior cacife atualmente no País, segundo os jornalistas. Mas eles concordam que, se a eleição para o sucessor de Sarney for em 90, o presidente do PMDB certamente, não estará concorrendo. Além dos nomes que hoje são lembrados, Chagas e Bardawil falam de lideranças que poderão surgir até as próximas eleições presidenciais.

Aqui, os nomes e as análises dos jornalistas a respeito de quem possui chances reais atualmente, e as lideranças novas que sairão das urnas após 15 de novembro.

Ulysses Guimarães — Para Carlos Chagas, Ulysses é hoje o maior candidato e continuará candidato, caso o mandato de Sarney seja fixado em quatro anos. Apesar de uma possível derrota de Orestes Quêrcia, Ulysses continua candidato pelo PMDB. Se Paulo Maluf ganha, diz Chagas, a situação de Ulysses será boa, o que não ocorre se o vencedor em São Paulo for Antônio Ermirio de Moraes. O jornalista explica que Ermirio vencedor, tentará ocupar os espaços que Ulysses ocuparia enquanto Maluf só abre espaços para o presidente do PMDB. Para Carlos Chagas, será difícil Ulysses ser o adversário de Antônio Ermirio, porque este adversário estará dentro das forças da Nova República, como é o caso de Miguel Arraes, Waldir Pires e José Richa. E qualquer aliança entre Ermirio e Ulysses será inviável, afirma Chagas, porque será a "aliança da guilhotina com o pescoço, onde um degola o outro". Carlos Chagas acredita ainda, que Ulysses Guimarães poderá abrir mão de sua candidatura mais uma vez.

José Carlos Bardawil também acha Ulysses Guimarães é o grande presidencial, atualmente. Ele lembra que Ulysses já abriu mão da presidência por duas vezes e com concordância dele mesmo. A primeira, em favor de Tancredo Neves, porque Ulysses entendia que só Tancredo uniria o País. A segunda, em favor de Sarney, para evitar uma possível crise militar. Por isso, diz Bardawil, Ulysses quer os quatro anos que Sarney lhe prometeu, e agora ele cobra. As eleições poderão mudar todo o quadro político, lembra Bardawil, pois Ulysses poderá perder o PMDB, e mesmo que não perca, poderá se desgastar em São Paulo. Além de tudo isso, Ulysses tem o problema da idade e assim, ele só poderá ser candidato mandato de Sarney for de apenas quatro se oans. "Como não será", diz Paulo, o jornalista acha que Ulysses será o grande homem do País e será difícil o Palácio do Planalto segurar os quatro anos. Bardawil, ao contrário de Chagas, acredita numa dobradinha entre Ulysses e Antônio Ermirio, caso este saia vitorioso.

Marco Maciel — Carlos Chagas acredita que Maciel tem condições para ser presidente por ter capacidade e pela idade. No entanto, falta a Marco Maciel a popularidade e as próximas eleições para presidente serão diretas, lembra Chagas. Por estar chefiando a burocracia do País, o jornalista con corda que este pode ser um fator de desgaste para o Chefe da Casa Civil. No entanto, Marco Maciel "tem o tempo a seu favor e ele pode esperar".

Bardawil acha que dos atuais candidatos, Maciel é um dos que apresenta "ma is jogo" porque é jovem. As eleições em Pernambuco são importantes

para Ma ciel, diz Bardawil, mas ele teria que ganhar com José Múcio para derrubar Migu el Arraes e futuramente, fazer uma aliança por cima com Arraes. Bardawil, no entanto, acredita que Marco Maciel estará nos planos futuros do Palácio do Planalto. Para o jornalista, o presidente Sarney vai tentar recuperar o Maciel e tempo, é o que não vai faltar. "Em 89 ou 90, ninguém mais se lembraria da derrota em Pernambuco mesmo porque, até lá, seria a derrota de José Múcio e não de Marco Maciel". Na opinião de Bardawil, o presidente Sarney vai tentar colocar Maciel no PMDB para que este apareça como o grande candidato do partido e da Aliança Democrática. "Acho que é isso que vai acontecer, mas para isso, o Maciel terá que ir para o PMDB".

Hélio Garcia — Um nome citado é o do governador de Minas. No entanto, Carlos Chagas descarta totalmente essa possibilidade. E dispara, "se Dedê, Didi, Mussum e Zacarias pudessem ser reunidos numa só pessoa esta pessoa seria o Hélio Garcia, porque é o próprio Trapalhão, que perdeu o controle da própria sucessão".

Aureliano Chaves — José Carlos Bardawil lembra que Aureliano vem sendo citado, mas ele só poderia ser candidato numa coalisão com o PMDB porque seu partido, o PFL, será o segundo partido após as eleições. Ele teria alguma chance, diz Bardawil, somente se o PMDB aceitasse o seu nome, o que "justifica os acenos que Aureliano tem feito a Ulysses". Além disso, afirma o jornalista, há o problema em Minas, onde Aureliano apóia Itamar Franco, que ainda não está com a eleição ganha.

Leonel Brizola — Apesar de uma possível derrota no Rio de Janeiro e da certeza de perder no Rio Grande do Sul, ainda assim, para Carlos Chagas, Brizola continua sendo uma liderança. Chagas afirma que Brizola "jogou no 13 preto e está contra tudo". Ele lembra ainda que Brizola tem capacidade de recuperação e não pode ser desprezado, porque tem carisma. Apesar de uma possível derrota nesses estados, o que significa que Brizola não terá nenhum poder executivo, além de uma reduzida bancada no Legislativo, Chagas acha que seu nome nunca poderá ser descartado. "Brizola pode não ter base política nem par tidária, mas tem ele mesmo, o que já é muito".

Ao contrário, José Carlos Bardawil diz que de acordo com as pesquisas, "Brizola é uma estrela que se apaga". Para Bardawil, Brizola apostou muito alto na estrutura que o Rio lhe daria e também apostou contra o cruzado. O jornalista lembra que só agora, o povo deixa de acreditar no cruzado, mas já é tarde.

Outras lideranças — Além dos nomes já citados, os jornalistas lembram a possibilidade de novas lideranças se firmarem no País, como é o caso de Antônio Ermirio de Moraes, ganhando em São Paulo. Carlos Chagas acredita que, nesse caso, Ermirio será no mínimo, um grande eleitor e no máximo, um candidato. Bardawil também concorda, credenciando no nome de Ermirio como um candidato natural à presidência.

José Carlos Bardawil analisa ainda, alguns nomes que poderão ser lembrados para a sucessão de Sarney. José Richa é um deles que além de poder se tornar um dos preferidos de Sarney, é uma pessoa que uniria o partido. Miguel Arraes, ganhando em Pernambuco, apesar da idade, pode ser incluído como um candidato natural à presidência. E ainda, segundo Bardawil, existe o Fernando Henrique Cardoso que, com uma eleição expressiva em São Paulo, é um nome que a esquerda do PMDB pode gostar.

tido e a sucessão poderá detonar a luta entre Sarney e Ulysses". Ainda assim, o jornalista acredita muito na força do PMDB pois, a julgar pelas pesquisas, que são o único roteiro para se fazer uma análise, já existe uma coisa muito clara a respeito das próximas eleições — será a vitória do governo Sarney e muito especialmente, a vitória do PMDB. Ao se referir à vitória do PMDB, Bardawil explica que é em função do comportamento do próprio Sarney que, até aqui, fazia questão de conduzir um governo da chamada Aliança Democrática, privilegiando os chamados liberais — Marco Maciel, Antônio Carlos Magalhães e Aureliano Chaves — e ao mesmo tempo, preferindo auxiliá-los da linha mais moderada do PMDB, como Brossard, Aluisio Alves e Iris Rezende. E agora, com a consolidação das grandes figuras do partido, ao invés do PMDB implodir como se dizia, ele vai se solidificar e o seu projeto de centro-esquerda, não ideológico e frentista, continua de pé. ressalta o jornalista.

Na verdade, só na Constituinte se verá uma divisão ideológica do PMDB, como ressalta Carlos Chagas. Ou seja, para que lado vai tender a ala mais a esquerda do PMDB, se acompanha Sarney, e aí está em jogo o sucesso do plano cruzado, ou se vai unir as outras esquerdas como a de Brizola ou Lula. E o que acha também José Carlos Bardawil, ao afirmar que Sarney deverá fazer de tudo nesses dias para segurar sua popularidade e assim, o PMDB poderá se tornar um partido dominado por um novo grupo, sob influência do presidente, que por sua vez, terá que fazer uma política de centro-esquerda mais do que hoje, sobretudo se o partido se consolidar. Bardawil acredita que dentro do Congresso o PMDB fará uma bancada de 40 por cento dos constituintes, devendo eleger algo em torno de 50 deputados da ala esquerda do partido. "Esse PMDB que ganha é o partido líder da Constituinte e com o qual Sarney terá que governar", afirma Bardawil. De qualquer forma, o próprio governo admite uma grande expressão, mas da Aliança Democrática, dentro do Congresso, com uma bancada próxima a 70 a 75 por cento.

Para suceder Sarney, Bardawil acredita que se o governo se desgastar, o caminho estará aberto para o PMDB, e aí "eu jogo num candidato paulista como Fernando Henrique Cardoso ou num candidato de centro-esquerda, como José Richa, que uniria o partido". Quem não está muito preocupado momento com 'nomes', é o próprio presidente Sarney. Segundo Carlos Chagas, o presidente não está trabalhando ninguém pois ele está embuído da missão messiânica de governar e cumprir suas funções e quem a Aliança Democrática indicar, ele aceitará. A eleição será um fator determinante para a sucessão de Sarney, mas não será o único. Muitas peças ainda serão colocadas nesse tabuleiro e o jogo está apenas começando. "Todas as especulações são fascinantes", diz Chagas, "e quem imaginaria que a ditadura iria acabar e Tancredo Neves seria presidente". Para Carlos Chagas, a única certeza é que a realidade será mais fascinante que as especulações. Certamente será.

O PMDB que vem aí é o PMDB autêntico. É o PMDB das grandes figuras do partido e que estarão justamente no comando dos governos estaduais, o que muda um pouco o quadro político, podendo pressionar uma mudança no ministério.

(José Carlos Bardawil)

Curta as emoções do cinema nacional

Dia 3 - Segunda-feira-10 horas - Auditório Dois Candangos - UnB

"O Cinema Brasileiro e a Transição Política"

De 29 de outubro a 4 de novembro - 18 horas

Mostra do Cinema Latino-Americano

1 e 2 de novembro - Festivalzinho Infantil



FESTIVAL DE CINEMA DE BRASÍLIA

Promoção:

Decanato de Extensão/Universidade de Brasília

Fundação Cultural do Distrito Federal

Wagner Bill



A repórter Marlene Anna Galeazzi já viajou o mundo produzindo grandes reportagens para revistas como **Manchete**, **Revista Geográfica**, **Ele & Ela** e, muitas vezes, transformou-se em notícia ao empreender aventuras como a que viveu ao lado do cientista e pesquisador Jacques Cousteau, descendo o Amazonas em 1982 e 83 para produzir um especial sobre a região, que a **Globo** levou ao ar.

Marlene é daquelas repórteres da estirpe de Oriana Falacci, que adora um desafio e não mede esforço quando se trata de fazer uma denúncia ou levantar um assunto de impacto. Por conta de seu espírito inquieto, ela já rodou todo interior do Brasil, principalmente a região Centro-Oeste, onde pretende aprofundar suas pesquisas

de costumes, gentes e fatos para se transformar numa repórter desta região, que para ela é muito rica e pouco conhecida. Marlene tem, atualmente, uma página aos domingos, no **Jornal de Brasília** e é freelancer de várias revistas.

Fotos: Adonal Rocha



Na fria noite do garimpo, uma rua convida os homens...

Prostituição no garimpo

RUTH FROTA e JANE ARAUJO

O relato vivo de uma repórter que acompanhou a trajetória dessas mulheres

No final de 1983, ela foi para Santa Terezinha do Golás, atualmente o maior garimpo de esmeraldas do mundo, para fazer um trabalho com as prostitutas. A partir de uma foto de uma menina-prostituta feita pelo fotógrafo Sebastião Salgado, que a acompanhava, surgiu a idéia de se fazer um trabalho mais aprofundado sobre a prostituição no garimpo.

Marlene retornou algumas vezes a Santa Terezinha, vivendo em companhia das prostitutas, e estabeleceu as relações que possibilitaram tornar sua matéria uma denúncia viva do que se passa naquele lugar. Através de uma das moças, ele atende pelo nome de Miriam, a repórter conseguiu traçar a trajetória da vida no garimpo, apesar da alta rotatividade que existe ali. Conforme afirmou, "o rodízio é tão grande que cada vez que

você retorna a um desses locais os únicos conhecidos que ficaram são o dono da venda, a dona do bordel e a lavadeira, uma profissão que também está se tornando muito comum no garimpo.

O livro que Marlene está escrevendo sobre esta experiência já está em fase final e deve ser lançado em breve.

No livro, ela denuncia o nascimento de uma legião de brasileiros filhos de adolescentes-prostitutas de garimpo, que não têm sequer registro, nenhuma assistência social e morrem em sua grande maioria ainda crianças, completamente ignoradas pelas autoridades locais e federais e pela sociedade.

A repórter afirma que muitas vezes os governantes se servem desta situação já que as prostitutas ajudam a manter o garimpeiro nos pontos de exploração. "As prostitutas e os garimpeiros se igualam na condição de solitários sem família por perto, por isso eles se entendem".

As meninas "caem na vida" por volta dos 11 anos, sendo muitas vezes estupradas pelo próprio fazendeiro ou dono da terra onde seu pai é posseiro e vive sob a ameaça de ser expulso.

Fato muito comum na vida dessas meninas-prostitutas é a própria mãe encaminhá-las para a profissão, como forma de garantir a sobrevivência da família. Muitas vezes elas próprias foram prostitutas e a partir do momento em que as filhas ficam mocinhas assumem o trabalho da mãe, enquanto esta passa a cuidar da casa,

das crianças menores e dos bebês que irão surgir a partir daí.

A ilusão do ouro da pedra, fácil e do enriquecimento rápido também levou um número grande de jovens da cidade a tentar a sorte nos garimpos. No entanto, a realidade da vida das prostitutas é a mais dura possível. Elas vivem segregadas nos barracos que vão surgindo ao longo do garimpo, formando verdadeiras ruas de prostibulos e são proibidas de circular nas cidades onde a sociedade local não admite sua entrada. Os quartos que utilizam são miseráveis, sem banheiro, geralmente sem água e, além da cama possuem apenas uns pregos na parede para pendurar a roupa. E neste ambiente que as jovens exercem a profissão e na mala, único pertence, que guardam embaixo da cama, vão juntando as pedras e o dinheiro que recebem. Apesar de cobrarem caro pelo trabalho, as moças quase nunca conseguem juntar dinheiro, pois além de mandarem a maior parte das economias para família, elas são exploradas pelos gigolôs e mascates que vão lá vender roupas e artigos que elas necessitam, sempre com os preços três a quatro vezes maiores que os da cidade.

O fim dessas meninas geralmente é trágico, as prostitutas não têm nenhuma perspectiva de vida e morrem muito cedo. Quando não se suicidam (

o índice é elevadíssimo) ou são assassinadas no garimpo mesmo, as prostitutas, quando ficam velhas para o trabalho, partem com apenas uma trouxa de roupas e acabam mendigando nas cidades, muitas vezes doentes e loucas em consequência das drogas que consomem diariamente.

Para Marlene Galeazzi, todo esse drama é coroado pela tragédia maior que são as crianças geradas nos garimpos. A repórter constatou que existe um código muito particular neste meio rural, onde o aborto não é praticado. As prostitutas preferem ter os filhos que são criados em meio a toda promiscuidade. "São crianças de 4,5 anos, que têm cara de ressaca pelo fato de passarem muitas noites em claro, às vezes na mesma cama em que a mãe atende seus clientes", afirma ela. Devido às péssimas condições de higiene em que vivem, as crianças padecem de todo tipo de doenças venéreas.

São filhos do ouro, como os chama Marlene, as grandes vítimas esquecidas de uma dura realidade que os brasileiros ignoram e as autoridades não se interessam em resolver. Para a repórter, este quadro é mais um desdobramento da grande questão agrária do País, onde a má distribuição da terra tem gerado os mais diversos conflitos e injustiça social.





Entre as disciplinas do currículo novo de Comunicação está Oficina de Texto. Nesta página, uma amostra do trabalho de três alunos de Oficina. Eles escreveram para o Campus sobre a visita que lhes fez Maria Paula, que não escreve e raramente fala textos, mas os encena, através da mímica.

O maximo de qualidade, num minimo de quantidade". Esta foi a definição que Maria Paula deu sobre mímica, na apresentação feita aos alunos de Oficina de Texto do Departamento de Comunicação.

Habitados a uma forma de expressão diferente daquela: a escrita, os estudantes se esforçaram para compreender o significado dos gestos, caretas e olhares que a artista representava. Uma tentativa de se misturar as formas de linguagem. Na frente, a expressividade do corpo, ávido de comunicação; do outro lado, observando a tudo, o espectador tenta, em vão, passar para o papel a totalidade do momento.

Num texto onde se confundiram elementos de comicità e drama, Maria Paula procurou mostrar, em apenas uma apresentação, todas as nuances da mímica, utilizando inclusive a fala, que segundo ela, não é um recurso novo dentro da mímica, mas que vem desde os tempos em que ela fazia parte do contexto teatral, não existindo ainda como forma independente.

Após o número, numa conversa descontraída, os alunos de Comunicação se preocuparam mais em fazer perguntas sobre a própria artista, do que com relação à linguagem utilizada.

Mas nas poucas vezes em que comentou sobre a mímica propriamente dita, Maria Paula fez questão de reforçar a definição inicial, dizendo que a mímica é muito conteúdo em pouca ação, o que de certa forma, pelos menos em tese, se parece com a linguagem jornalística, onde a concisão do texto, e a economia de palavras, é a norma. (Roberto Seabra)

Maria Paula, a princípio um nome comum. Sorriso tímido, gestos graciosos e uma certa força na voz. Vai entrando na sala de aula como quem não quer nada e, de repente, diz um rápido "bom dia". O início é cômico, tropeçando num invisível cachorrinho. Outros virão.

Todos se concentram naquela figura e uma curiosidade enorme vai tomando conta dos espectadores. Ela começa a executar o seu trabalho: mímica. Aos poucos a timidez vai cedendo lugar à habilidade da técnica. Os movimentos são seguros e a expressão facial assume formas variadas. Surgem várias Marias Paulas, numa fusão total de personagens. O cenário? Nada além da imaginação dela e dos alunos.

Encerrada a atividade, ela senta-se delicadamente mas com gestos contidos, para falar do seu trabalho. Responde às primeiras perguntas com a face ruborizada, mas ao longo da exposição vai assumindo segurança, como aqueles que dominam um determinado tipo de arte. (Tânia Jobim)

Uma mímica, jamais cinica. Eu diria cênica, certamente; uma mimética mistura de mínimos movimentos. Sincretismo visual num quase ato sexual. O prazer no ver mexer seus braços expostos, transpostos num simétrico tempo virtual. Talvez banal seu movimento corporal, tal qual tomar soda nos tempos em que era moda brincar de roda. E hoje apenas eletrônico paper-mate stereofônico, garden, mas na margem essa beleza plástica-elástica da tua arte, que faz parte, nem que seja como encarte, do falar-te, do amar-te. Burlar-te, gramática autocrática, numa inusitada viagem a Marte. Eu pasmo ao espanto de teus músculos nesta inédita anedota corpuscular. Penso viver sem voz, vítima do algoz que mata meu racional e ouvir-ler seus lábios. Digo o fato resumido no tato, versão revista e ampliada na leitura do astrolábio que me mostra o sabor do saber ser-fazer mímica. (Cesar Mendes)

Participe você também!

CROSS CERRADO

Dia 9 de novembro
9 hs. da manhã
Inscrições
Sec. do deptº de Educação Física, AAAUnB e no Ceubinho

CRAI

Parabéns, você ganhou um grande papel!

Parabéns, você ganhou um grande papel!
O que é, o que é? Mais informativo que papel de imprensa, mais valioso que papel de ações, mais charmoso que papel machê?

É o seu ingresso no mundo do teatro em Brasília. E é para você que ele existe! Só quando você põe um figurino especial e encarna aquele personagem que ri, chora, aplaude, vaia, se emociona e se entrega na platéia, é que o teatro tem valor. E então, o que é que você está esperando para ir ver o mundo com seus próprios olhos? Saia de casa e assuma o seu papel!



arte em
brasil
**Vem
Ver ao
Vivo**

CRIAÇÃO

FLORIANO LIMA FILHO

“Já que as multinacionais não se interessam, o governo deveria promover festivais, incentivar a gravação de discos de músicas típicas de cada estado, pois o fato de você ter que sair da sua cidade para fazer carreira artística, acaba com a música folclórica”. O cantor Djavan, em “tournée” pelo Brasil e que se apresentou na capital mês passado, ainda acrescentou outros dados a este seu depoimento quanto à situação da música brasileira. Mesmo com a ajuda das multinacionais, Djavan acha que a música clássica e, principalmente, a música folclórica continuariam renegadas, por não darem lucro às gravadoras (que se interessam só no retorno financeiro). Na sua opinião, a música clássica ainda consegue sobreviver num espaço pequenino, mas a música folclórica merece maiores cuidados.

Djavan explicou que o fato das grandes gravadoras e dos veículos de comunicação centralizarem-se nos grandes centros culturais do País (Rio e São Paulo), não dá outra alternativa aos músicos que pretendem a fama senão deslocarem-se para lá. Com ele, alagoano que está há quatorze anos no Rio, não foi diferente. O seu sucesso só começou com sua mudança para a “cidade maravilhosa” e, em sua opinião, o ponto de partida para o sucesso de qualquer um é o Rio, “que tem toda a coisa amarrada do sistema”. “A coisa amarrada”, para Djavan, é a infra-estrutura, baseada no rádio, na televisão, nas revistas e nas multinacionais do disco, através de suas gravadoras. “Só com a ajuda de empresários brasileiros, ou do governo, seria improvável um músico fazer seu nome”, considera Djavan. No Rio ou em São Paulo, o artista tem condições de procurar gravadoras para tentar a sorte, o que não acontece em Brasília e outros estados, onde a presença da infra-estrutura que Djavan citou está latente. Haja vista a limitação das gravações independentes.

O ideal, para Djavan, seria que todo músico desenvolvesse um trabalho no seu estado de origem, difundindo a cultura com a qual está relacionado. Porém, é consciente de que isto só seria possível se as multinacionais do disco colocassem suas empresas de produção, “marketing” e divulgação em outros estados, dando condições de um artista se projetar sem sair de sua terra.

Música regional na voz de Djavan

WILTON MONTENEGRO



Para Djavan, é importante a descentralização das gravadoras

Guerra bombardeia a Fundação

■ Há artistas insatisfeitos com a Fundação Cultural do DF. O violoncelista Antônio Guerra Vicente afirmou que a Fundação é incompetente para promover a música local. Para a chefe de gabinete da Fundação, Maria das Graças Cruvinel, isso é “pirraça”

FLORIANO LIMA FILHO

Não se pode agradar a gregos e a troianos. Desta vez, as reclamações se dirigiram à Fundação Cultural do DF (FCDF), atacada por Antônio Guerra Vicente, Guerrinha se preferirem, que é professor de Música da UnB e integrante do Trio Brasília, onde toca violoncelo. Recentemente, o Trio se apresentou no “foyer” do Teatro Nacional de Brasília (TNB), mas o programa do espetáculo, de responsabilidade da FCDF, não chegou às mãos dos poucos espectadores presentes. Talvez, isto tenha sido a gota-d’água para que Guerrinha soltasse os cachorros em cima da Fundação, acusando-a de incompetente quanto ao apoio à sua música erudita, que tem cada vez menos público.

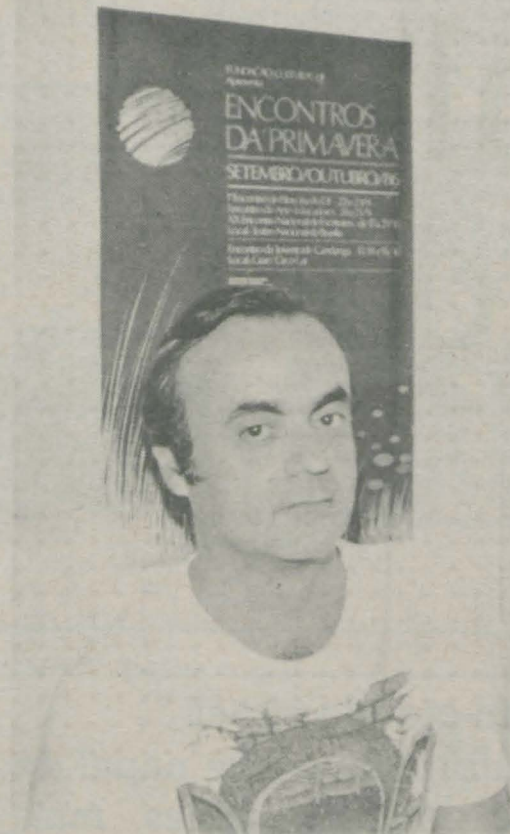
Guerrinha acha que a quantidade de trabalho na FCDF não corresponde ao número exagerado de seus funcionários, que estariam exercendo suas funções preguiçosas e burocraticamente. “Se a Fundação fosse extinta agora, não nos faria nenhuma falta”. Ele também não vê motivos para ter que pagar pelo aluguel das salas do TNB para se apresentar, pois as considera propriedade dos artistas, vez que é o Governo, através de impostos da população, que distribui verbas para a FCDF. Implacável, o músico considera um cachê individual de Cz\$ 833,00 (haja ou não público) quantia mínima, dizendo que, na praça, estão pagando uma média de Cz\$ 1.800,00. Para ele, “as verbas que seriam destinadas aos artistas, vão parar na extensa folha de pagamento da Fundação”.

Mesmo assim, Antônio Guerra insiste em tocar, pois se considera um “guerrilheiro em prol da idéia de fazer boa música em Brasília”. TVs e jornais, ele acha que está o grande problema: a ausência de educação musical desde cedo nas escolas do Brasil. O seu ponto de vista é que o brasileiro, carente de moradia, alimentação, educação, não tem condições de distinguir o que lhe é melhor. Por isso, Guerra se autodenomina elitista, achando que gostar do melhor deve ser um objetivo de todos.

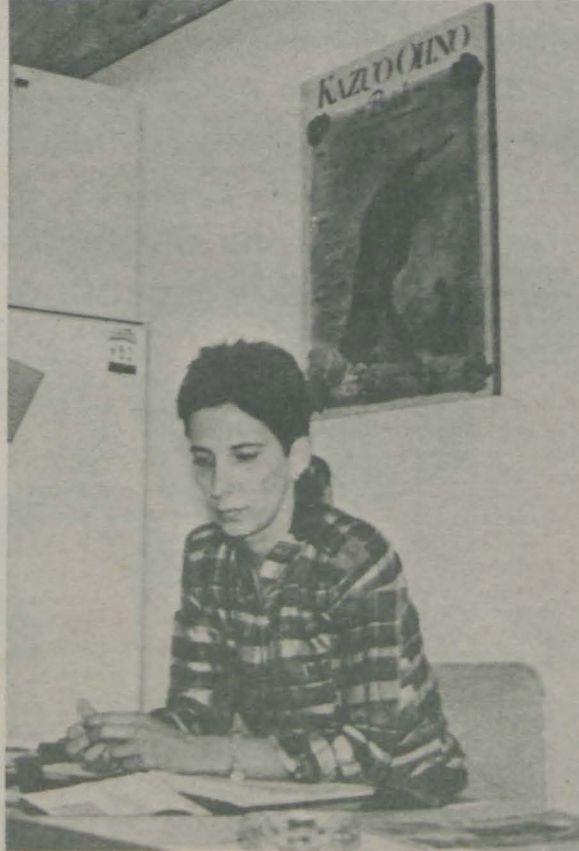
Maria das Graças Cruvinel, chefe de gabinete da FCDF, considerou essas reclamações muito egoístas. Ela explicou que a Fundação, com 400 funcionários, cuida de quatro salas de espetáculos no TNB, dois “foyers”, uma Escola Parque, seis galerias, um Centro de Criatividade com dois teatros e três galerias, um museu, um teatro em Sobradinho, no Guarã e, outro, no Gama. A verba de um milhão de cruzados, liberada pelo GDF para este semestre, Cruvinel considera pouca para sustentar toda essa estrutura, que, assim mesmo, continua funcionando. Para exemplificar, ela disse que o aluguel de Cz\$ 3.000,00, por hora, na sala Villa-Lobos, mal dá para cobrir os gastos com a iluminação de um espetáculo. Portanto, os cachês, o cenário, os bilhetes e o resto da infra-estrutura são subsidiados pela Fundação, que ao seu ver, não tem obrigação de privilegiar alguém, só pelo fato de ser artista.

Sessenta convites para a apresentação do Trio Brasília foram distribuídos entre alunos da Escola de Música no DF e, no máximo, meia dúzia compareceu. Um sarau dançante no mesmo lugar conseguiu atrair por volta de duzentas pessoas. Cruvinel citou esses dados para dizer que o problema da música de Guerrinha está no seu próprio estilo erudito e esclareceu que o interessante é criar um espaço constante de cultura na cidade, caso dos onze “Projetos de Revitalização Cultural” que a FCDF tentará implantar em Brasília. E finalizou: “Casos isolados como o do Guerrinha é carência de ter o que reclamar”.

São discussões como essa que nos fazem ficar alertas para a realidade musical do país. A democracia também está na pluralidade, mas a tendência das grandes mídias é massificar o gosto do público em torno de músicas que dão lucro e que refletem uma dependência de culturas estrangeiras, principalmente a americana. O folclore brasileiro comporta muitos estilos de música, mas tem caído no esquecimento. Ainda que não se venerem todos esses estilos, há a necessidade urgente de que sejam, no mínimo mostrados.



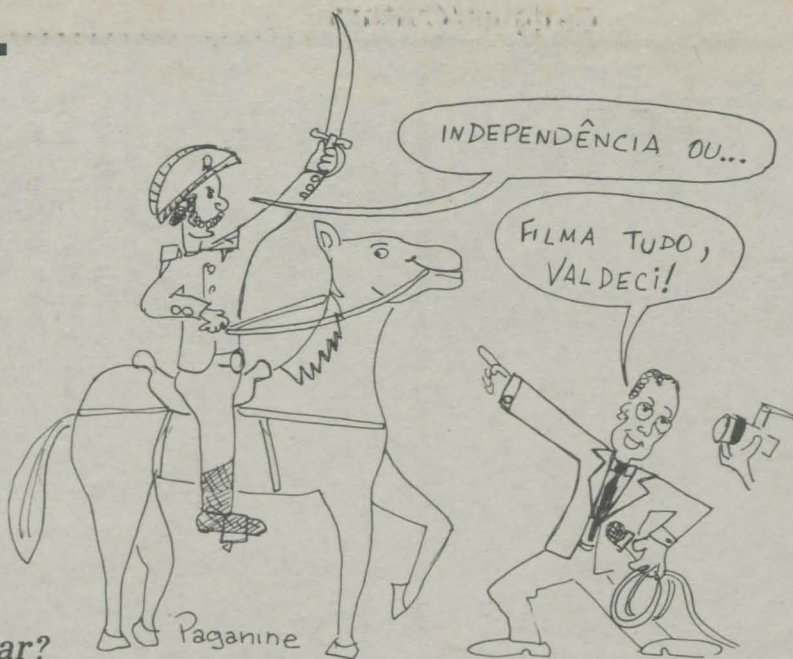
Guerrinha acha que o grande problema é a falta de educação, inclusive musical, entre os brasileiros. “Eu gosto do que é bom”



Cruvinel diz que a Fundação cuida de vários espaços culturais e que as verbas não são suficientes. Para ela, Guerrinha foi egoísta.

VÍDEO

Como veicular os trabalhos das produtoras independentes? Apesar da cidade ter agora mais um canal, as produtoras locais continuam enfrentando a falta de espaço nas emissoras. Será que ninguém quer mudar?



JORGE MAYA

A TV Nacional vai mudar". Esta é a afirmação do presidente da Radiobrás, Frota Neto. "A partir do dia 16 de novembro nós estaremos entrando com uma nova programação no ar, nem que seja para levar vaia".

Segundo Frota Neto, a TV Nacional precisa redefinir o seu perfil. Atualmente não se sabe se é uma emissora do governo ou se é comercial. O objetivo deste novo projeto é descobrir qual o caminho alternativo que ela pode oferecer, defendendo ao mesmo tempo o seu papel de uma emissora de governo, voltada para a cobertura dos atos oficiais.

A nova TV Nacional será como uma FM no ar. Serão informações envelopadas com música. Até seis horas da tarde a programação será preenchida com clips. As notícias poderão entrar de duas maneiras;

ao vivo ou através de caracteres que vão passando na parte de baixo do vídeo. Todas as notícias que forem entrando no ar durante o dia serão recuperadas depois para fazer três grandes noticiários. A partir de seis horas será como uma emissora convencional. A emissora vai seguir uma estrutura basicamente jornalística com informações, utilidade pública, cobertura de cidade e com janelas para músicas, clips, shwos ou programas independentes.

Com esta nova programação a Nacional pretende abrir um espaço para as produtoras independentes. "A intenção é abrir o espaço para a produção artesanal, dando preferência aos programas das produtoras locais que falem dos problemas de Brasília", diz Frota Neto. "Hoje em dia quando se liga a TV Nacional, você pensa que está assistindo a uma emissora do Rio de Janeiro".

Para as produções independentes ficarão reservados os programas sobre ecologia, constituinte e outras idéias que surgirem. Basta ter patrocínio que a emissora veicula.

Segundo Frota Neto para uma TV que tem pouca audiência o importante é experimentar. O risco sempre existe, mas nes-

se caso ele é para cima, porque por pior que seja não será pior do que zero de audiência. Diante de tantos problemas financeiros que a emissora enfrenta existe um pouco a favor, é que enquanto as outras emissoras tem que ter rapidez porque tem que faturar, a TV Nacional tem espaço para uma maior aprofundamento da notícia.

A idéia é que os novos noticiários tratem os temas com mais profundidade, é incentivar os repórteres a fazerem mini reportagens é fazer um jornalismo mais descritivo.

Exatamente por não ter que entrar na corrida contra o relógio é que a Nacional pretende inovar em algumas áreas, como é o caso da economia que terá o noticiário da Bolsa, quando logo de manhã, assim que abrir o pregão será colocado no ar o computador da bolsa com as cotações das ações do dia.

O noticiário da TV Nacional será mais descritivo e com um maior tempo para cada notícia. O resto da programação terá um programa rural, programa voltado para a comunidade, programa ecológico, programa para a constituinte; programa infantil, projeto Bem-Te-Vi, que há algum tempo já está na TV e um espaço para a presidência da República.

Um dos antigos programas que Frota Neto pretende resgatar é o programa de auditório, que ele entende ser o lazer das classes de mais baixa renda.

As idéias estão aí e serão chocadas em prática em breve. Mais uma opção para os brasilienses cansados da mesmice global. Mude de canal e confira.

Emissoras X Independentes

SUSANA DOBAL

Dentro de um mês, no máximo, A Bandeirantes entra no ar, completando o número de canais que Brasília pode ter em VHF. Ficam, assim, estabelecidos os donos "definitivos" (uma concessão só é tomada pelo governo em casos extremos e isso raramente acontece) da TV em Brasília: Tv Globo, Manchete, Tv Brasília, Tv Capital, Radiobrás, SBT, Tv Bandeirantes.

A maior parte da programação dessas emissoras é transmitida em rede. Se por um lado isso pode garantir uma boa qualidade, por outro Brasília — e o que mais não for Rio e São Paulo — fica condenada a nunca poder desenvolver uma produção própria. A TV, mais do que um meio de comunicação de massa, vira meio de colonização em massa. A maneira de se evitar isso é desenvolver uma produção local, seja pelas próprias emissoras, seja por produtoras independentes.

"Em Brasília, as produtoras independentes nunca vão deixar de apresentar um trabalho incipiente porque não existe aqui o casamento da verba com o valor humano profissional" — essa é a opinião do diretor de programação da TV Brasília, Fernando Kerr. Ele fala por experiência própria: dos dois projetos que recebeu, no primeiro semestre, de programas não produzidos por funcionários da emissora, um veio escrito a lápis em folhas de papel almaço, todo corrigido e ilegível, e o outro envolvia recursos tão altos que nem a emissora nem os produtores conseguiriam levantar.

Mas mesmo que sejam superados esses obstáculos, não é toda emissora que está disposta a abrir mão do seu espaço para produções que não sejam as suas, embora isso já venha acontecendo! A Press Video produz o Dia D, veiculado na Bandeirantes, e a Intervideo produz o Conexão Internacional, na Manchete. Na verdade isso não quer dizer muita coisa para o produtor independente de Brasília.

"Depois de instalada a emissora, o que nós queremos é partir para uma produção própria", diz Antônio Drumond, diretor regional da Bandeirantes. "A Globo tem um padrão que nem ela vai deixar de exigir e nem uma produtora independente vai querer se adaptar", diz Ailton Silva, diretor de programação da Rede Globo em Brasília.

Tudo o que a Globo aceitou até agora de produções independentes foram clips que passam no Fantástico. Paradoxalmente, clips de conjuntos de rock daqui é o que a emissora tem produzido de mais local que não seja só jornalismo. O DF TV tem apresentado aos sábados uma reportagem musical com uma entrevista e um clip de grupos como o Finis Africa, Escola de Escândalo, Detrito Federal e outros.

O resto da produção local da Globo se resume a três edições do DF TV e o Bom Dia Brasil, que trata de temas nacionais. A Bandeirantes vai começar com meia hora de jornal local e as outras emissoras também produzem aqui quase só jornalismo. A TV Brasília, além de jornais, produz também o Carrossel, um programa infantil; o Som da Terra, de música sertaneja e o Jornal da Terra, que é dirigido ao agricultor do cerrado. A Nacional produz o Pop Show e mais dois programas infantis, além de telejornais.

Ainda vai demorar um pouco para a produção de programas de TV em Brasília ser razoável, mas vai demorar muito mais para as produtoras independentes daqui terem um espaço na televisão. Para o brasiliense que vê TV, só resta esperar; para o que também pretende "fazer TV", Fernando Kerr dá a sugestão: "Quem quer que pretenda produzir, o caminho mais fácil é tentar se infiltrar numa emissora que já tenha uma produção local". Para o que não está disposto a se adaptar a padrões também existe uma solução: compre um vídeo ou case grana com talento.

Espaço para o Novo

AKATIA TURRA
cho que aqui deveria ser igual nos Estados Unidos. Deveria haver um mínimo de produções independentes veiculadas obrigatoriamente pelas emissoras. Lá há por lei a fixação de um percentual mínimo de produções de caráter nacional, de caráter regional e de produções independentes mesmo, sem vínculo com as emissoras comerciais." Assim Márcio Curi, da Provideo, define a situação das produtoras independentes no Brasil, em relação à veiculação de seus trabalhos em emissoras comerciais.

O sistema de televisão comercial no Brasil é atualmente um oligopólio dominado por três redes de televisão. Assim, a população está fadada a digerir os programas feitos para serem veiculados via Embratel, de norte a sul do país. "A produção de programas independentes é uma idéia para futuro. A não ser que as emissoras bancassem a produção. Uma produção de quinze minutos diários custaria uma média de 50 mil cruzados por programa. Para as emissoras não há interesse. Eles já recebem tudo pronto via Embratel", diz

Mauro de Castro, proprietário da Video New. A população dos outros estados, que não Rio e São Paulo, não tem espaço para difundir e divulgar seus próprios valores culturais. E Brasília não foge à regra, apesar de estar quase para ser inaugurado o último espaço nos canais de VHF, em novembro próximo, a TV Bandeirantes. (Ver matéria nesta mesma página).

Espaço para produções locais independentes, talvez nunca tenha existido. Programas como "Os Pioneiros", "Carrossel", "Sob o Céu de Brasília" e "Tia Leninha", são produções das próprias emissoras. A esse respeito, Márcio Curi completa a informação: "Espaço comprado nas emissoras sempre existiu. Se eu fizer uma produção dentro dos padrões mínimos da televisão comercial, posso ir em qualquer emissora e pagar para colocar meu programa no ar. O nosso problema é exatamente o quanto a emissora se dispõe a investir. As emissoras tem um departamento comercial organizado, tem uma carteira de clientes, equipes de contatos e vendedores que possibilitariam organizar os pacotes de patrocínio a um custo menor do que para uma produtora independente. O que poderia ser feito também é estabele-

cer uma programação com horários reservados ou determinados para a produção independente de Brasília, em que a emissora adquirisse ou custeasse essa produção".

José Woitechumas, gerente da Apoio Vídeo, vai um pouco além. Para ele, o processo tem de ser inverso. As emissoras é que deveriam procurar as produtoras. Mauro de Castro concorda e acrescenta: "As emissoras estão com problemas para a aquisição de programas. É difícil colocar uma programação diária extensiva sem repetições. E aí que as produtoras independentes vão entrar em cena".

A TV Nacional, pioneira em Brasília e na produção de programas locais (ver matéria), muda mais uma vez de direção e já contratou dois programas, que devem estreiar em novembro, com a Apoio Vídeo. José Woitechumas explica: "O programa vai ser sobre Brasília, pela primeira vez mostrada como ela é. Já estamos estudando a produção de outro programa, também para TV Nacional, para estreiar também em novembro. Além disso estamos trabalhando em conjunto com a emissora através do intercâmbio na utilização de equipamentos. Os patrocínios estão sendo produzidos em conjunto pelos departamentos comerciais da Nacional e da Apoio, e já temos dois patrocinadores garantidos".

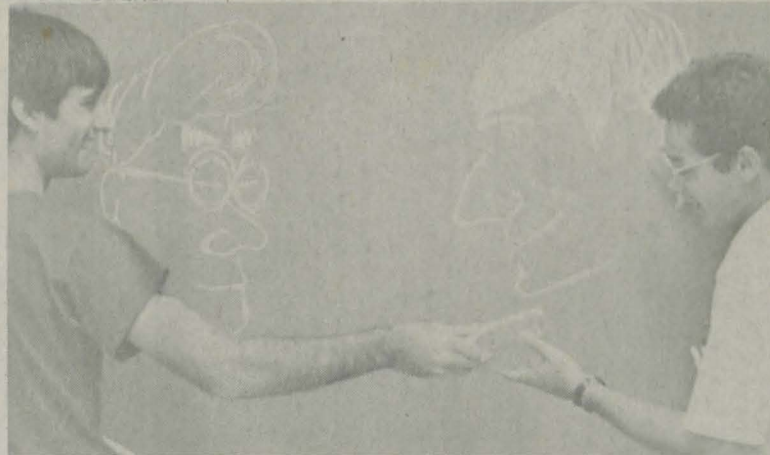
Se por um lado os espaços se abrem, por outro o mercado de trabalho também se agita. Novas equipes de produção se formam, principalmente agora com o período de eleições e Brasília, que já começa a se mostrar culturalmente ao país, talvez possa mostrar também um pouco das suas imagens.

TV Nacional, uma FM no seu vídeo

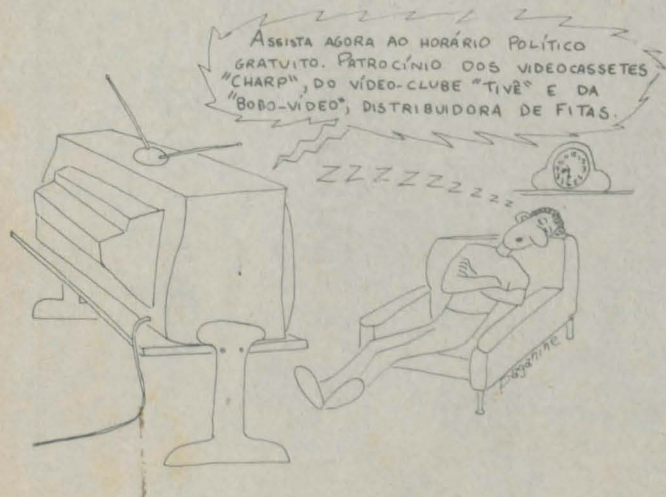
Yes, nós temos chargista!

Você já imaginou o Campus sem as charges e ilustrações que fazem você dar grandes risadas e sacar a vida com outros olhos. O Campus nesse nº mostra quem são os humoristas que fazem nossas páginas mais alegres.

SUSANA DORAI



Mário Viggiano e João Paganine.



"Acho que tenho muita brincadeira na minha cabeça; se eu começo a divagar, aí começa a charge". João Batista Geaquinto Paganine, 22 anos, último semestre de jornalismo e chargista do Campus pensa que essa "é uma forma de fazer jornalismo, porque depende da informação sobre determinados assuntos". Para ele, a ideia da charge todo mundo tem, só falta colocar no papel. "Charge está na cabeça de todo mundo e quando ela está pronta, há uma identificação."

Paganine vê a charge como um hábito que você adquire: "desde pequeno eu desenho sacanagem, professor barrigudinho que todo mundo achava engraçado e hoje muitas charges são imediatos. Se Delfin diz que em seu governo vivia-se na Ilha da Fantasia, só essa declaração já é engraçada basta ter sensibilidade pra ver".

"As vezes é um trabalho angustiante", esclareceu Paganine, "outro dia me pediram pra fazer uma charge sobre aborto e não pintou nada!". O tempo pra ele influi no acabamento da charge, assim umas saem mais aprimoradas outras menos. "Se você está bem introsado com o assunto, o desenho pinta mais rápido."

Ele procura absorver a vida pelo seu lado engraçado. Atualmente sua melhor charge é dele mesmo com uma plaquinha escrita "procura-se emprego".

"Até o amor é engraçado. É engraçado como as pessoas se amam pelos motivos mais diversos. Se dependesse dos meios de comunicação, mulher feia não amava nem era amada. O amor mostra o lado humano das pessoas", afirmou Paganine.

E humano também é o voto dos eleitores. João espera uma minoria de bons candidatos na próxima Constituinte e um bom candidato pra ele tem compromissos com o trabalhador. "Muitos candidatos eleitos não vão representar o espírito de mudança do povo brasileiro, por causa da dificuldade de eleição".

No meio político, "o riso que se dá é um tanto amarelado", acrescentou, "mas não há dúvidas de que o melhor programa humorístico da TV hoje é o horário de propaganda eleitoral gratuito. Cada dia você tira uma piada nova".



Mário Hermes Viggiano, 21 anos, está no 4º ano de Arquitetura na UnB e é artista gráfico no Senado Federal. Ele faz desde santinhos e cartazes políticos à capa de livros. "O artista gráfico é um artista anônimo; nas páginas dos livros muitas vezes não aparece o nome do autor", desabafou Mário. Ele trabalha ainda como free lancer para a publicidade, criando folders, logotipos, enfim, o que a agência estiver precisando. Mas a grande revelação dele foi mesmo fazendo charge para o Campus: "o último estágio profissional do chargista é trabalhar num jornal, quando te pedem um desenho com urgência. O chargista é no fundo um jornalista".

"Como as pessoas podem botar pra fora o seu lado humorístico? "A charge é muito momento. Quem faz um, trocadilho está fazendo uma charge — qualquer um pode fazer". Mas a charge nasce de onde? "O chargista tem que ter um conhecimento geral bom, estar sempre informado como um jornalista e saber perceber o que é pitoresco, engraçado. Eu acho que fazer charge é algo exercitável". Segundo Mário, "nem sempre se tem tempo para conseguir uma charge que reflita a posição do artista frente à realidade. Sendo assim procura-se uma ilustração, um desenho, uma imagem visual boa que esteja ligada ao texto".

E por falar em desenho, Mário lembra de Luis Fernando Veríssimo, com seus traços primários, traduzindo perfeitamente o seu humor. Ai ele confirma que qualquer um pode fazer sorrir com o desenho. Talvez você nunca tenha se imaginado chargista, mas quem sabe rabiscando uma cobra engolindo um elefante como no Pequeno Príncipe?

Ser amigo de Ziraldo é outra fonte muito rica para Mário. Seu pai é o personagem macaco da "Turma do Pererê" e a amizade passou de pai pra filho. E como não podia deixar de ser, ele conta "minha vida gira em torno do desenho": fazendo arquitetura, pintando ou trabalhando na gráfica.

No entanto, nem só de arte vive o homem. Quando se fala em política, Mário é um anti-americano e acha que é preciso priorizar as coisas brasileiras. "O protecionismo do governo em relação à informática, calçados e FMI me agrada".